

ANARQUIA NO
CLERO – UMA
HISTÓRIA SOBRE
LIVROS
PERDIDOS

Espírito Lucarino

Através do médium Fabio Bento

www.institutopiramide.com.br

Esta obra está registrada no Escritório de Direitos Autorais e o autor cede gratuitamente os direitos para veiculação através do site www.institutopiramide.com.br.

A divulgação e o compartilhamento desta obra é livre e gratuito, respeitada a sua integridade e vedada a sua comercialização.

Prefácio

Amigos leitores,

Esta se trata de uma obra baseada em fatos ocorridos na Idade Média, em um convento de Frades Menores na Itália. Devido a seu conteúdo ser catastrófico para a humanidade, pois o resultado das ações privou aos homens de muito conhecimento, os verdadeiros nomes das pessoas envolvidas, assim como do convento onde se passam os fatos, foram alterados. Dados como época precisa e localização foram poupados de divulgação.

O intuito deste livro é contar a verdade sobre uma série de fatos ocorridos que nunca foram punidos pelos homens, mas foram e continuam sendo corrigidos por Deus, nosso Pai e Senhor. A mensagem que desejamos transmitir é de confiança nos desígnios de Deus, mesmo que no momento o curso dos acontecimentos não seja favorável.

A história que este livro conta não precisa de adornos como nomes, localização no tempo e no espaço para ser entendida. Desejamos que a história contada nestas próximas páginas seja proveitosa, para tal, preparamos um texto desprovido de conteúdo desnecessário, uma vez que o relato está fiel aos acontecimentos.

Meu nome é Lucarino. Em outra encarnação fui um franciscano copista no convento onde se passa o livro e estava presente quando tudo aconteceu.

Esperamos, leitor, que tome estas páginas com muito carinho e que reflita bastante sobre a trama, os motivos, as ações e os desfechos, pois se tratam de males que há muito assolam a humanidade: Vaidade, egoísmo e orgulho sobre posições ocupadas, tão passageiras quanto a própria vida encarnada.

Desejamos uma boa leitura.

Lucarino
Rio de Janeiro, 25 de maio de 2011.

Prólogo

Ele caminhava agitado, seu nervosismo era evidente, não queria ser pego andando pelo pátio durante a madrugada. Não podia. Como explicaria? Faltando pouco mais de uma hora para que todos acordassem, ainda precisava dar o golpe final no que estava designado e pronto para fazer. Era apenas um rolo de papiro, que grande mal poderia ter? Este era seu pensamento. Suas ações, portanto, não continham muita culpa, talvez por isso tenha realizado tão bem o trabalho.

Ao chegar ao local da caldeira, espiou para verificar se não havia ninguém por perto, seguindo-o. Olhou para dentro do ambiente e procurou a machadinha. Com uma frieza tamanha, sem qualquer momento de hesitação, colocou o papiro enrolado sobre um toco de madeira no chão e cortou o rolo como se fatiasse uma cenoura. Sem pena, sem remorso. Naqueles breves momentos, sentiu-se importante, como nunca havia acontecido antes, e nem podia, era um frade menor, precisava ser humilde. Mas enquanto picava aquele rolo de papiro, não foi humilde, ao contrário, sentiu orgulho do que fazia, sua vaidade foi inflada por irmãos descontentes das trevas que acompanhavam e influenciavam no caso. Naqueles instantes, onde um papiro que nunca foi copiado se perdia para sempre da humanidade, seu executor sentia prazer, pois se percebia com importância dentro de um conluio armado no próprio convento. Ao terminar,

recolheu todos os pedaços e os colocou por entre as madeiras que estavam posicionadas embaixo da caldeira, prontas, portanto, para serem queimadas pela manhã.

Não deixou rastro, não sentiu remorso, sentiu-se vitorioso, importante, capaz, teve sua autoestima elevada. Estava fascinado, totalmente sob controle dos irmãos trevosos que planejavam todos os acontecimentos. Porém, Marcos de Apeteneu, não fez o que fez inocentemente. Fez porque quis, de forma consciente. O problema é que havia adquirido gosto pelo que fizera. E se antes, recusaria novos pedidos como aquele, depois do primeiro papiro, estava pronto para mais.

Capítulo 1

- Já era hora de desempenharmos um papel diferente na vida das pessoas. Precisamos agir, mudando os formatos e as atitudes, concluamos que os desejos pessoais a nada levam, apenas nos arrastam para o lodaçal do inferno e torturam nossas mentes perversas através de desenvolvimentos de...

- Irmão Felipe! – Eufrásio interrompeu o discurso. – É claro que o irmão tenta controlar a situação, impondo seus pontos de observar o mundo e nossos problemas pessoais e de ordem geral de nosso convento. O que não podemos esquecer é que temos as Regras de Francisco, o Santo de Assis. E não podemos, apenas pelo seu desejo, as mudar, as esquecer. Francisco falava em humildade e em pobreza, nós somos os irmãos menores, ou o irmão esqueceu-se disso?

- Absolutamente! – Felipe respondia com segurança. – Não esqueci e não vou esquecer. Apenas faço minhas colocações para fins de melhoras...

Novamente foi interrompido por Eufrásio:

- Melhoras? Ou mudanças? O irmão passa a impressão de querer mudar as Regras de Francisco. Acha que estão incompletas? Ou até mesmo erradas?

- Não. De forma alguma. Falo em melhoras em nossas vidas no convento...

- Pretende uma vida mais confortável? – Eufrásio interrompia novamente.

- Não se trata de conforto, trata-se de condições melhores! – Disse, mais enérgico.

Sorrindo, Eufrásio respondeu com certa ironia:

- Em pouco tempo o irmão estará falando em luxos e extravagâncias...

- O irmão coloca um ponto desnecessário. Não são luxos ou extravagâncias, são condições melhores, volto a dizer, para todos os frades.

- Frades menores...

- Que seja.

- O irmão sabe que necessitamos de autorização do Santo Padre para tudo isto ser possível, e não a teremos.

- E não podemos solicitar?

- Irmão, não devemos solicitar. O irmão tem contribuído em muito para o convento, mas não poderá ser atendido desta vez.

Assim Eufrásio encerrou a conversa com Felipe, que saiu do cômodo contrariado. Certamente não estava convencido a parar por ali. Não Frei Felipe, persistente em suas convicções, beirando a teimosia. O que sentia em seu coração era contrariedade e uma ponta de revolta. Foi negado seu pedido, apesar da forma educada, foi negado. E isso lhe aborrecia muito. Não estava acostumado a ser contrariado, a ter seus pedidos negados.

Frei Felipe ajudava na administração do convento, era um dos frades com aptidões para dividir tarefas e as delegar. E esse controle o agradava. Mas precisava da autorização de Frei Eufrásio, que hierarquicamente na administração, estava acima dele, para implantar suas ideias.

Obviamente frades menores tem por objetivo serem irmãos e não há hierarquia entre eles. Porém, para fins de administração, alguns demonstram maiores aptidões, com isso ficam à frente, conduzindo os demais para a ordem seguindo as Regras de São Francisco.

O objetivo de Felipe não era mudar as regras ou as burlar. Felipe, dentro de suas observações, desejava melhorar as vidas dos frades no convento. Tinha boas intenções. Mas necessitava do consentimento de Eufrásio, que por sua vez, necessitava da permissão do Papa. Portanto, Felipe não tinha o controle em suas mãos. As mudanças, ou o que fossem não dependiam somente de ações

suas. Apesar de bem intencionado, Felipe não foi atendido. E isso o incomodou muito.

No pátio do convento, três jovens frades caminhavam carregando baldes com água e cestos com legumes e verduras. Eram Marcos, Plácido e eu, Lucarino. Levávamos os alimentos para a sala onde seriam preparados.

Conversávamos muito, sempre que podíamos. Apesar de querermos ser irmãos de todos, nós três nos considerávamos amigos. Éramos cúmplices em nossos devaneios juvenis, próprios da idade e cúmplices em conversas edificantes e sobre a Ordem, o convento, as Regras. Nós éramos felizes e gostávamos de nossas vidas. Éramos irmãos de bom coração.

Eufrásio não queria levar assuntos que pudessem aborrecer ao Papa. E que talvez nem chegassem a ele, pois Bispos e Cardeais poderiam responder asperamente que tal pedido não era merecedor da atenção do Santo Padre e que reivindicações como aquela mereciam apenas o inferno como destino. E Eufrásio sabia também que pedidos mal elaborados incitavam a fúria dos bispos e eles não costumavam perdoar. Havia muito em jogo: o convento, seu hábito, os irmãos. Não seria por conta de devaneios de Felipe que arriscaria tudo, pensava Eufrásio. O que ele não sabia é que Felipe planejava, ele próprio, levar suas

ideias. Ainda eram planos sem muita força, mas que já estavam povoando sua mente.

A vida no convento estava agitada. Mas não muito. Ou não muito mais do que sempre. Pois havia sempre algo que motivava discussões e desentendimentos, principalmente nas questões administrativas. Os frades responsáveis por esta parte discutiam muito e a pouca conclusão chegavam. Principalmente Eufrásio e Felipe. Eram antagônicos. Enquanto Eufrásio era muito conservador, Felipe queria ganhar o mundo com suas ideias. Todas, sem dúvida, motivadas por bom interesse, motivadas pelo bem comum da Ordem. Jamais Felipe pensou qualquer coisa que fosse que abrangesse apenas aos seus próprios interesses. Felipe era um frade que não tinha vaidades latentes, estavam controladas. Felipe era fervoroso em sua fé, em suas orações. Eufrásio sempre mais contido, ao contrário de Felipe, polido, procurando respostas mais simples e cômodas. Não queria, jamais, ser tido como incompetente para tocar o convento e os negócios do Senhor, como outros clérigos ouviram antes de Bispos e Cardeais. Eufrásio tinha muito medo de que perdessem o respeito por ele, por isso fazia exatamente o que lhe era pedido, sem pontos a acrescentar nem a retirar. Eufrásio procurava ser obediente, mesmo que isso ferisse a Ordem. Pois o que vinha do alto clero eram imposições às quais não se podia fugir, mas que poderiam se adequar ao convívio dos conventos, mas não com Eufrásio.

Ordens eram ordens e todas cumpridas com exatidão.

Felipe encaminhava-se para seu local de orações, era o momento do dia para dedicar-se, assim como outros frades, ao contato mais próximo com a Divindade. Porém Felipe estava com a conversa que tivera com Eufrásio lhe permeando a mente, lhe incomodando como nunca antes acontecera. Tamanha inquietação de pensamentos, tamanha ansiedade e certa agonia, misturadas com aquele sentimento inicial de revolta por não ter sua solicitação inicial atendida. Tudo isso junto, levou Felipe a começar a planejar como faria para levar suas ideias até o Papa, mesmo sem a concordância e a participação de Eufrásio. Não era certo, ele sabia disso. Precisava de Eufrásio para tal. Porém a vontade em realizar melhorias no convento falava mais alto em seu coração. Não havia dúvidas, o que Felipe pensava em fazer, para ele era o melhor a ser feito. E cada vez mais a vontade de levar suas ideias ao Papa crescia. E de uma forma impressionante, pois havia minutos que saíra da conversa com Eufrásio, como esse sentimento evoluiu daquela forma? Logo Felipe que jamais pensaria antes em contrariar a ordem e deixar Eufrásio de fora, até porque não o podia. Felipe não tinha autonomia para tratar de assuntos do convento com Bispos, Cardeais e outros clérigos sem a anuência de Eufrásio. E Felipe jamais pensou semelhante solução. Mas em poucos minutos pensara. Estava quase convicto. Felipe sorria e

gostava de seus pensamentos. Em sua mente vinham quadros de alegria por um possível encontro pessoal com o Papa, de receber elogios de Bispos por suas iniciativas em realizar mudanças e que todas as suas ideias seriam implantadas em todos os conventos. Felipe pensava muito alto e, mesmo em pouco tempo, quase se achava um imenso benfeitor da Ordem. Sua importância crescia. Mas o que Felipe não sabia, sua vaidade não mais controlada, o impedia de ver, é que irmãos descontentes e desencarnados, atentos a sinais de insatisfação, descontentamento, revolta e contrariedade, já estavam a seu redor, lhe soprando ideias. E Felipe as aceitava. E tudo por ser contrariado.

Marcos, Plácido e eu éramos inseparáveis, apenas nos dividíamos para nossas tarefas quando não eram as mesmas. Eu trabalhava na biblioteca, Marcos na cozinha e Plácido na terra e auxiliando em serviços da administração. Fora esse tempo separados, fazíamos juntos a parte meditativa e de orações. Tínhamos uma afinidade verdadeira, algo real, sentíamos que algo maior permeava nossas mentes.

Plácido gostava muito de ler e procurava sempre a biblioteca no intuito de ter acesso a textos permitidos, abertos à leitura e à pesquisa. Porém havia textos que ficavam guardados e inacessíveis aos frades, ou a maior parte deles. Esses textos eram protegidos sob a argumentação de que seu uso

danificaria o papiro e a cópia ainda não estaria autorizada pelo alto clero. Décadas se passavam e tais autorizações jamais eram dadas. Não se sabia ao certo que textos eram esses, quais seus autores, de que tratavam. E Plácido, ávido leitor, sempre me perguntava:

- Irmão Lucarino, você serve na biblioteca, deve ter informações sobre os livros guardados e inacessíveis a nós, de que falam? Quem os escreveu? São muitos? São...

Eu o interrompia sempre que parecia não parar de perguntar:

- Irmão Plácido, entenda que não tenho acesso a estes textos. Sei deles o mesmo que o irmão. Nada, portanto.

- Mas irmão, já deve ter ouvido falar, alguma conversa mais particular, sobre esses textos, não tem alguma informação?

- Bem, uma vez ouvi um boato de que se tratam também de textos dos gregos. Mas não entendo o motivo, temos textos dos gregos à disposição para cópia e leitura. Que conteúdo diferente seria esse para justificar tamanha proteção? Concluí que deve ser mesmo boato.

- O irmão disse que se tratam também de textos gregos. Disse também. A quais outros o irmão refere-se?

- Entenda irmão Plácido, as informações que tenho não são oficiais, portanto não devem ser encaradas com seriedade. Mas ouvi dizer que há muitos textos, centenas deles em línguas coptas e na língua de nosso mestre e irmão maior, Jesus.

- E do que falam? – Plácido mostrava-se eufórico.

- Não sei. – Respondi a verdade.

Plácido demonstrou em seu rosto a decepção e não perguntou mais, ao menos naquele dia, pois sempre perguntava sobre os textos. A vontade de Plácido em obter conhecimento era maior que a minha e a de Marcos, talvez até juntas. E Plácido era recompensado pela autorização que tivera para auxiliar em pequenos serviços na administração. Fazia pouco tempo, mas já desempenhava suas funções com esmero, apenas fez o pedido para não deixar de trabalhar na terra, e foi atendido.

As aspirações de Felipe fizeram com que seus pensamentos fugissem no momento das orações. Ele não conseguia concentra-se, as orações pareciam não fazer sentido, e ao fim, não passaram de apenas palavras ao vento, pois de nada foram

proveitosas, pois não houve fé. Isso era de surpreender. Felipe era fervoroso e muito criterioso com orações, mas naquele dia não teve concentração para tal. Foram os irmãos descontentes que não permitiram a oração eficaz, soprando em seus ouvidos cenários lindos e vaidosos que agradavam seu ego. Ao término do período de orações, Felipe saiu da igreja com o sentimento de dever cumprido, indo diretamente à biblioteca, aonde pretendia iniciar uma carta de apresentação de suas ideias ao Papa. Movimentou-se, nesse momento, em um lugar trevoso, escuro e tenebroso, portanto, outro irmão descontente, mais inteligente e mais forte mentalmente que aqueles que estavam com Felipe. Era um irmão de patente mais elevada na hierarquia das trevas. Os dois que estavam com Felipe tinham a missão apenas de inflar sua vaidade e seu ego, depois soprar-lhe ideias não santificadas e de acordo com os propósitos das trevas, já estabelecidas anteriormente, e tendo sucesso, estariam designados a ficar dia e noite junto a Felipe para não permitir que mudasse de ideia, para vislumbrar caminhos que possam levar ao objetivo final e retirar do caminho quem quer que seja que tente o impedir, da forma que for necessária. Este irmão mais inteligente tinha controle sobre os outros dois, tinha autoridade, era respeitado, mas também recebia ordens, por sua vez. Sua missão era redigir a carta ao Papa. Os irmãos conseguiram levar Felipe até aquele momento, era a vez de uma inteligência trevosa superior na hierarquia trabalhar

no caso. Já na biblioteca, Felipe não tinha dúvidas quanto a escrever a carta. Pegou papiro, sentou-se isolado e ficou olhando fixamente para o tinteiro. Nesse momento, uma sombra escorregava pelas paredes e pedra da biblioteca do convento, sorrateiramente se conectava a Felipe pela mente, que nem percebia. Com muito cuidado para não levantar suspeitas, soprava as primeiras palavras da carta em latim. Felipe pegou a pena, molhou no tinteiro e as escreveu no papiro. Assim a carta foi escrita, ditada por uma inteligência do mal. Era o início de Felipe na parceria com as trevas. Mas não era o primeiro frade a fazê-lo.

Capítulo 2

Marcos era jovem, assim como Plácido e eu, tínhamos quase a mesma idade, por isso, talvez, tivéssemos tanta afinidade. Porém Marcos não compartilhava da mesma paixão por livros que Plácido, principalmente, mas ele tinha paixão em excesso por literatura e aquisição de conhecimentos, e a mesma que eu, que embora menor que a de Plácido, era considerável. Marcos, não. Até lia alguns textos, mas não gostava muito de estar na biblioteca preferia ficar na cozinha, perto da comida, como ele dizia. Posso arriscar a dizer que essa era sua paixão: comer e não culinária. Por isso era volumoso que nós e a maioria dos frades, tirando alguns dos mais antigos. Porém Marcos era uma boa pessoa, doce, gentil, sempre disposto a ajudar, com um coração bom e fraterno. Marcos era um exemplo de doçura para mim. Eu não conseguia, por vezes, ser tão simpático e amável quanto Marcos com os irmãos, então me espelhava nele, sem que soubesse. Procurava ter as mesmas atitudes que ele, para isso o observava muito. Marcos não era perfeito, apenas digo que ele era mais doce com os outros que eu, e por estarmos mais próximos, eu o copiava. Marcos tinha seus defeitos, mas estava sempre disposto a ajudar, ao contrário de mim, que tinha essa dificuldade. Marcos dificilmente dizia não para algum pedido de um irmão. Não me lembro de isso ter acontecido. Marcos era solícito e muito feliz. Sempre sorrindo. Marcos de Apeteneu se perdeu

em algum lugar no meio do caminho e na época eu não conseguia descobrir aonde, quando e por que. Coisas que só vim a saber mais tarde, bem mais tarde, na espiritualidade. Porém Marcos, até aquele momento, o ponto em que se perdeu, mas à frente nos acontecimentos, não qualquer sinal de impureza no coração. Ao contrário, Marcos me parecia o mais amável dos três. Porém, eu enganei-me sobre isso. Marcos era amável, mas escondia o medo de não ser aceito por trás disso, por isso aceitava tudo o que lhe pediam. Para se sentir incluído.

Não havia livros disponíveis em aramaico que não fossem os autorizados pela Igreja. E eram pouquíssimos. Naturalmente, Plácido se perguntava qual o motivo disto. Algo além da justificativa padrão deveria ser a chave para entender o segredo.

Como Plácido estava ajudando na administração há pouco tempo, ainda não tinha tido a coragem ou a confiança necessária para falar sobre o assunto com qualquer irmão de lá. Mas já que trabalhava mais próximo a Antonino, resolver arriscar:

- Irmão Antonino, qual o frade responsável pela biblioteca?

- Frei Roberto – respondeu Antonino.

- Frei Roberto é aquele irmão mais antigo, que anda mancando da perna esquerda.

- Sim, ele mesmo.

- Eu o vejo pouco na biblioteca.

- Ele pouco vai lá.

- Mas não deveria ir mais vezes?

- Não sei, caro irmão.

- Entendo... Irmão, o que sabes sobre os papiros que as cópias ainda não foram autorizadas?

- Sei o que todos sabem, que sua manipulação excessiva danificaria o papiro.

- Mas guardados, talvez sem cuidado especial, podem ser danificados por água, mofo e tudo o mais. Não é a mesma coisa?

- Não sei onde são guardados, mas certamente deve haver alguma proteção especial.

- Estou convicto de que estão na biblioteca em alguma sala com restrito acesso a nós. Estou certo?

- Tal sala não existe na biblioteca.

- E onde estão?

- Em outro lugar aqui no convento.

- Onde?

- Não sei desta informação. Apenas Frei Roberto – fez uma pausa e respirou mais fundo. Continuou – Irmão, sugiro que não fiques fazendo muitas perguntas sobre os livros. Este não é um assunto bem quisto por aqui.

- Entendo, irmão. Mas obrigado de toda forma.

Após a conversa com Antonino, Plácido estava ainda mais intrigado. Tais textos não estavam na biblioteca. Por quê? Por que tamanha proteção? Seria só para não danificar o papiro? Tudo aquilo o intrigava demais. Plácido costumava ir mais fundo nos assuntos que o interessavam. E este seria um destes.

Cercados por umidade, mofo, estavam os papiros. Centenas deles. Era uma sala escura e subterrânea do convento. O único a ter a chave que abria a porta de acesso nem era Frei Roberto, pois como Antonino disse, ele era o responsável pela biblioteca e tal acervo não fazia parte do conjunto de sua jurisdição. Eufrásio, por ser o Frade com acesso aos Bispos e Cardeais, era o guardião da chave. E a ordem do alto clero era apenas para manter tais textos, escolhidos minuciosamente, separados do acervo, inacessíveis a todos. E assim Eufrásio fazia. Nem ele ia a tal sala. Às vezes ele ia apenas para contá-los e verificar se todos estavam lá. Nunca perguntou os motivos do isolamento destes livros. Não lhe interessava. Seu interesse era apenas o de obedecer ordens. E nada mais.

Frei Tibúrcio era introspectivo. Sério e de poucas palavras. Também da administração, tinha o mesmo acesso a Eufrásio, frade com maior autoridade e autonomia no convento, que Felipe. Porém, frei Tibúrcio, por ser mais idoso, tinha acesso a mais informações e mais autoridade que Felipe. Mas não se importava muito com isso. Estava quase sempre sozinho. Suas únicas companhias eram Roberto e Eufrásio, com os quais eventualmente conversava. E em uma dessas conversas, Eufrásio acabou por confessar o diálogo que tivera com Felipe. Frei Tibúrcio franziu a testa, mas nada falou. Porém ficou clara sua insatisfação com o ocorrido.

- Este garoto já está incomodando! Chega de perguntas! Aonde ele quer chegar? Por que vocês não estão fazendo nada?

Todos os presentes ficavam de cabeça abaixada enquanto aquele líder falava. Tratava-se de uma reunião das trevas. A entidade que fazia o discurso estava acima daquela que ditou a carta ao Papa para Felipe. Mas não era o fim da pirâmide. Porém era o maior posto que aqueles que recebiam as ordens tinham acesso. Ele falava de Plácido e suas perguntas sobre os papiros guardados. Por algum motivo, isso incomodava muito. E a ordem era clara: tirar Plácido do caminho. Do jeito que fosse. Toda e qualquer ação estava autorizada. O que não podia era permitir que ele continuasse perguntando

e se interessando pelo assunto. Pois quanto mais ele falava, mais as pessoas ficavam sabendo e podiam se interessar também, e isso não seria aceitável. Os papiros deveriam ser guardados a sete chaves.

- Vocês não conseguem lidar com isso sozinhos? – O líder gritava. – É só um garoto! – Fez uma pausa. – Eu quero sete homens na porta da sala e sete homens na cola desse rapazote. Ele tem que cair. Vocês tem que o fazer cair. E quando cair arrastem para o buraco e o tragam aqui, eu falarei diretamente com ele.

A reunião acabava e a cabeça de Plácido estava pedida, as trevas tentariam fazer com que Plácido cometesse infrações morais a fim de criar culpa, o manipulando e quando isso fosse mais forte, durante o sono ele seria levado até esse líder. O problema é que Plácido era muito protegido e muito bem intuído, além de ser possuidor de uma excelente fé. Plácido orava com fervor e cumpria suas obrigações com esmero e extrema disciplina. Não seria tarefa fácil para os irmãos descontentes. Não seria com os artifícios usuais que derrubariam Plácido. Os sete melhores homens, como o líder os chamou, foram destacados pelo chefe imediato a eles. Eram os melhores em inflar vaidades, desviar do caminho e inserção de conteúdos mentais distrativos e com nenhuma utilidade para o obsidiado. Com estes artifícios pretendiam tirar Plácido do caminho. Mas essa era apenas a primeira tentativa.

Eufrásio recebera notícias do Papa solicitando informações a respeito do acervo que a biblioteca do convento possuía. A carta não era específica. Não mencionava os papíros inacessíveis. Eufrásio teve dúvida do que fazer. Se incluiria na catalogação aqueles textos ou não. Ele, que sempre acatava as ordens exatamente como as recebia, não as recebia, desta forma, de maneira clara para agir com firmeza. Iniciou a catalogação, portanto, com o acervo aberto. Para isso, contava com a ajuda de Frei Roberto. Tal trabalho já durava alguns meses e ainda não havia acabado, apesar de já se encaminhar para o fim. Apenas Eufrásio e Roberto sabiam sobre a catalogação, apesar da carta do Papa não mencionar sigilo. Na dúvida entre colocar ou não os textos inacessíveis, Eufrásio, que já possuía uma relação destes, resolveu que ao responder ao Papa, anexaria esta relação à catalogação inicial com o título de papíros omitidos ainda sem cópias.

Felipe já tinha sua carta e as atuações das trevas sobre ele apenas cresciam cada vez mais. Porém, ele demonstrava dúvida se enviaria a carta ao Papa com as considerações que julgava importantes, apesar do formato ter sido ditado por uma inteligência do mal, sem falar em um texto introdutório que Felipe não havia planejado, portanto, totalmente produzido pelas trevas. Felipe se isolava dos companheiros enquanto vivia o drama sobre enviar ou não a carta.

- Você vai se feliz... Faça isso... Faça... A felicidade pode não voltar... Faça... – um irmão das trevas soprava palavras no ouvido do frágil Felipe.

Algumas semanas se passaram e Felipe, há dias, não tinha contato algum com qualquer outro frade. E estava convicto. Pegou a carta e tomou as providências necessárias. Cheio de entusiasmo e alegria, enviou a carta ao Papa. Por coincidência, na mesma semana que Eufrásio enviara a sua com a catalogação dos livros.

Estava armado um cenário que ambos, Felipe e Eufrásio, não sabiam em que redundaria. Felipe esperava ter uma resposta positiva, mas o que viria seria uma surpresa para ele. E Eufrásio, por sua vez, também se surpreenderia com a resposta papal. Havia semanas pela frente.

Frei Roberto foi abordado por Plácido no pátio do convento:

- Irmão Roberto, que o Senhor esteja convosco.
- Que assim seja, irmão.
- O irmão pode se deter a conversar breves instantes?
- Perfeitamente, irmão. Será um prazer.

- É que tenho dúvidas sobre alguns livros. – Plácido disse com alguma insegurança.

- Sim. E quais livros seriam? – Frei Roberto não percebeu a insegurança.

- Bem, seriam textos em aramaico e talvez alguns dos gregos e alguns em línguas coptas.

- Irmão, perdoe-me, mas parece-me que o irmão não sabe ao certo a que se refere. São gregos, em aramaico ou línguas coptas?

- Todos.

Roberto pensou por uns instantes:

- Qual exatamente a dúvida, irmão?

- Desejo saber por que ainda não foram copiados, pois os desejo ler e não tenho acesso. – Foi firme.

Frei Roberto se mostrou surpreso com o que ouvira:

- Não existem tais livros em nosso convento, irmão.

- Não? Mas tive informações de que há livros que não foram ainda copiados para não danificar o papiro.

- Eu conheço essa história. Mas, irmão, lamento informar que se trata de apenas um boato, possivelmente arquitetado pelos anjos do inferno.

- Boato? Mas alguns frades falam de tais livros com tanta certeza!

- Eu sei disso. O irmão não é o primeiro frade a falar comigo sobre o assunto. Mas, irmão, eu sou o responsável pela biblioteca e afirmo que são boatos. Tais livros não existem no convento. E na minha modesta opinião, não deve haver livros escondidos em lugar algum. Como disse, são boatos do diabo.

- Entendo. Obrigado mesmo assim, irmão.

Despediram-se. O descontentamento era visível em Plácido. E Frei Roberto não estava mentindo. Pois ele não tinha conhecimento da existência dos papiros. As trevas representadas pelos sete homens designados para acompanhar Plácido sabiam disso e o induziram a conversar com Roberto, pois sabiam as respostas que este frade daria. E fizeram tal movimento na expectativa de minar a confiança de Plácido, que agora estava confuso. Enquanto caminhava para a igreja, os irmãos lhe sopravam palavras:

- Desista... Eles não existem... Desista... Não tem nada... Não tem nada.

Certamente que tais palavras impactavam Plácido, que tinha suas convicções abaladas. O frade entrou na igreja e prostrou-se para suas orações. Os sete irmãos a serviço das trevas foram impedidos de entrar por um bloqueio fluídico na estrutura da igreja, impenetrável para irmãos com baixa vibração. Plácido foi colocado em uma espécie de redoma fluídica que bloqueava o que dizia e pensava. Os sete homens conseguiam ver Plácido, mesmo do lado de fora, e viam também os dois benfeitores que se aproximavam dele e lhe diziam coisas, mas não conseguiam ouvir e não identificam as orientações. Isso apenas os irritou.

Marcos de Apeteneu conversava comigo em uma de suas poucas visitas à biblioteca:

- Irmão Lucarino, este trabalho não o aborrece? Ficar copiando tudo isso e não ter um fim, porque você não vai terminar tudo antes de subir aos céus!

- Certamente que não, meu irmão. Mas o trabalho é feito para o Senhor e em conjunto com outros irmãos que já o executam e outros que irão nos suceder, pois como bem o irmão disse, o trabalho é de gerações de copistas.

- Eu entendo. Mas tal trabalho não o entedia?

- Na verdade, não, irmão. Gosto muito de realizar trabalhos com livros e Saber.

- Pois eu não tenho essa vontade de saber. Na verdade, pouco me interessa por livros como você e Plácido.

- Mas tenho certeza, irmão, que é algo passageiro, e se o irmão vier mais à biblioteca, poderá tomar gosto pela leitura.

- Talvez.

- Façamos isso, então, venha mais vezes aqui, que lhe mostro o local, todos os livros e o trabalho que é feito.

Marcos ficou feliz e entusiasmado com minha oferta, agradeceu e disse que voltaria no dia seguinte.

Enquanto passavam os dias, a espera pela resposta do Papa angustiava a Felipe e a Eufrásio. Mais, inclusive, a Eufrásio, apesar de a sua carta ter um conteúdo solicitado pelo Papa. Porém o fato de ter enviado junto uma relação com os papiros inacessíveis o corroía. E Felipe vivia uma expectativa mista, por ora, sentia-se arrependido por ter enviado informações ao Papa sem a permissão e concordância de Eufrásio, e por ora, sentia-se feliz, dentro de uma expectativa saudável por esperar uma resposta positiva. Eufrásio, como sempre, não demonstrava muito o que sentia e passava seus dias de forma normal, convivendo com os outros frades e cumprindo suas obrigações.

Já Felipe se isolava cada vez mais, procurava sempre orar e meditar o mais distante possível e realizar suas tarefas também afastadas dos irmãos. E isso chamava a atenção. Mas ninguém diretamente procurou Felipe para conversar, ninguém teve coragem ou vontade de fazê-lo. No entanto, a conversa entre os frades era a mesma: Felipe estava muito afastado do grupo, provavelmente por uma briga ou discussão com Eufrásio. Os dias passavam, as semanas passavam e o cenário apenas se intensificava.

Marcos não voltou à biblioteca no dia que havia prometido, mas alguns dias depois me procurou se desculpando pelo não cumprimento da promessa, mas disposto a aprender o que eu pudesse lhe ensinar.

- Pois bem – eu disse – começemos a falar do local. Aqui no salão temos as escrivatinhas dos copistas e as usamos para realizar nosso trabalho. Recebemos os livros e copiamos em papiros. Às vezes, copiamos um livro várias vezes. Lá naquela porta – aponte o dedo – atrás dela tem um corredor que dá acesso à parte do acervo, pois são vários salões com livros, todos ligados. Mas irmão Marcos, pedirei desculpas, porém não será possível levá-lo até tais salões, pois irmão Eufrásio e irmão Roberto pediram para durante alguns dias apenas os copistas terem acesso ao acervo.

- E você sabe o motivo?

- Bom, eu suponho que tenha relação com algum trabalho que Roberto fez durante meses e terminou há poucas semanas. E, o próprio irmão Roberto, disse que era uma medida para preservação dos livros. Até, por isso, as leituras também não estão permitidas por ora.

- E isso se normaliza quando?

- Não se tem previsão, mas não deve durar muito, acredito.

- Entendo.

- Bom, irmão, devido a essas limitações, não será possível falar e mostrar muito, porém quando estiver liberado, o aviso e o irmão volte para terminarmos.

- Certamente.

- Quero lhe mostrar muitos livros bons que o irmão pode se interessar.

Despedimo-nos. Marcos me pareceu aliviado por não ter conhecido todos os salões e por sua visita ter sido rápida. Por isso mesmo, por não enxergar uma vontade muito grande em Marcos, não me alonguei a falar sobre os livros. Julguei ter sido bom que ele fosse me procurar, e não quis que a experiência fosse amarga, pois ele poderia não mais voltar. Voltei à minha mesa de cópias. Tinha

um livro grego à mão. Já trabalhava nele há meses e gostava do que lia, mas achava a essência muito parecida com o pensamento pregado pela Igreja. Porque havia boatos de que os livros gregos eram contrários ao Cristo e suas palavras, e, portanto, contrárias à Igreja. Mas não via isso naquele livro em particular. Não sabia ao certo o motivo. Talvez outros honrassem a reputação, a verdade é que havia poucos livros gregos disponíveis para cópia. Enquanto pensava, irmão Plácido entrou na biblioteca muito rapidamente, parecia um pouco atordoado, um pouco tenso. Na verdade há algumas semanas ele apresentava um comportamento diferente, mais expansivo, diferente da polidez habitual. E esse comportamento só aumentava com o passar dos dias. Quando estava próximo a mim, o saudei:

- Irmão Plácido, seja bem-vindo, que a paz de Deus, nosso Pai e Senhor, esteja convosco.

- Que assim seja, irmão.

- Em que posso ajudar o irmão?

- Eu preciso conversar com o irmão sobre algo que ouvi há semanas e só agora me decidi a falar sobre. – Falava com muita agitação e gesticulava demais.

- Pois bem, irmão, pode falar.

- É sobre os livros escondidos.

- O que tem eles? Nós já tivemos essa conversa, irmão.

- Eu sei, mas onde estão guardados?

- Irmão, como disse antes, eu tenho as mesmas informações, sei que estão aqui em algum lugar...

Plácido me interrompeu:

- Frei Roberto me disse que tais livros não existem.

A informação me espantou:

- Não existem?

- Não. E disse que não há nada guardado aqui ou em outro convento. Que isso são boatos criados pelo diabo e seus anjos do inferno.

- Mas todos os frades que se interessam por leitura compartilham da mesma opinião, de que os livros existem e estão escondidos.

- Eu sei, Frei Roberto disse que não fui o primeiro a conversar com ele. Então, a questão é: por quê? Por que ele disse isso? Não sabe da existência dos livros? E, nesse caso, por que não

saberia? Sabe da existência, mas não quer contar? Ou os livros realmente não existem?

- São muitas perguntas, irmão. Mas por que só agora o irmão me procurou, disse que tem essa informação há semanas.

- Não sei. Sempre acontecia alguma coisa e eu não conseguia falar com o irmão. Hoje, até aconteceram também, mas eu as evitei e vim assim mesmo.

- Bom, eu ainda não entendo por que haveria livros escondidos. E agora tudo é mais confuso ainda, o responsável pela biblioteca diz que não existem.

- Irmão, preciso que você converse com os outros irmãos trabalhadores da biblioteca e veja o que sabem. Preciso dessas informações.

- Irmão Plácido, eu posso fazer isso. Mas, cuidado, irmão, por que se envolver nisso? Um dia esses livros, se existirem, aparecem. Essa história está muito confusa, pode ser algo mais profundo que parece ser, não sei se é prudente se arriscar nessa investigação.

- Não posso parar, irmão. Sinto que há forças – fez uma pausa, chegou mais próximo de mim e continuou em tom baixo – sinto que há forças do

mal agindo para me impedir, mas em nome de Deus, nosso Pai e Senhor, não posso parar.

- Irmão, esta é uma afirmação assustadora. Mas tenha calma, tenha fé, que tudo vai passar. Eu consigo conversar com os outros irmãos e lhe informo depois. Vá à igreja, irmão, ore um pouco, vai lhe fazer bem.

- Obrigado, irmão Lucarino.

- Plácido sorriu e saiu. Eu achei muito estranho o comentário e não quis aumentar o que já o incomodava, portanto não falei muito a respeito. Mas aquilo me preocupou.

O cenário que se desenhava no convento não era dos melhores, mas não era tão pior que o atual. Pois há muito, irmãos descontentes se encontravam infiltrados entre nós, com anuência de muitos frades, é certo, que se beneficiavam com distrações de todos os tipos, desde o prazer da gula até aos prazeres sensuais. Evidentemente, esses frades não faziam ideia do que acontecia, não tinham noção, pois, que estavam sendo manipulados por irmãos descontentes. É importante frisar, porém, que esses irmãos que se aproveitavam dos frades inseguros na fé eram apenas uma ponta da imensa organização trevosa, que tinha planos audaciosos para atrasar o avanço da evolução dos homens, atravancando o acesso a conhecimentos e aliciando espíritos encarnados do bem com missões de

trabalhar nessa evolução. Muitos desses espíritos encarnados aliciados se perderam no caminho antes mesmo desta história começar. Portanto, o ataque das trevas é algo antigo. E naquele momento da humanidade, em plena idade média, não denominada idade das trevas por acaso, os ataques eram ferrenhos e quem não se protegesse muito bem, fatalmente sofreria com os irmãos descontentes.

E no convento não estava diferente. Muitos frades abriram brechas, ou seja, através de pensamentos ilícitos e comportamentos inadequados, permitiram a aproximação dos irmãos descontentes lhes soprando ideias, lhes induzindo a colocarem seus pensamentos em prática. E, infelizmente, tinham êxito. Porém, como disse, o plano não era apenas levar frades a cometer absurdos de todos os tipos escondidos e dentro do convento. Isso era apenas o início. A estratégia trevosa era primeiro implantar o acesso com maior número de “soldados” possíveis e, de preferência, já “pegar” alguns frades que seriam peças chave para conseguir o intento desejado. E estavam conseguindo, e mexiam as peças no tabuleiro do convento. E como os anjos de Deus e o próprio Deus permitiam isso? Pois bem, pela aplicação do Livre Arbítrio. Veja que eu disse que os frades tinham pensamentos ilícitos e comportamentos inadequados. Eles já eram assim antes dos irmãos chegarem, não precisaram da ação das trevas para ser como eram. Os irmãos descontentes apenas se

aproveitaram dessa permissão através de pensamentos e atos para se aproximarem e soprar ideias que encontravam aceitação na mente dos frades. Ou seja, os frades queriam cometer infrações, se beneficiavam com isso. Eles desejavam o que não podiam ter. Os irmãos apenas lhes diziam como poderiam conseguir. Deus, nosso Pai e Senhor, jamais irá violar a Lei do Livre Arbítrio. Se alguém deseja algo com força e se move para isso, seja para o bem ou para o mal, Deus não irá contra a vontade do homem. Mas se o homem pedir que seja feita a vontade do Pai, esta será feita. E o princípio é o mesmo: permitindo acesso. Mas no caso dos frades, o acesso permitido era apenas para os irmãos descontentes que possibilitavam prazeres de todos os tipos. E todos os níveis de obsessão estavam em prática, de acordo com a estratégia trevosa. Vários frades já estavam completamente enredados. Mas Plácido ainda representava uma ameaça.

Caminhando pelo pátio do convento, Plácido olhou para o céu, que estava escuro, as nuvens fechavam o espaço, o vento soprava forte e gelado. E Plácido sentiu um frio na espinha diferente. Olhou assustado para trás e viu, por uma fração de segundo, um vulto negro passar rapidamente por de si. Uma trovoadas se ouviu, Plácido teve medo. Pensou em se dirigir para a igreja, mas os sete irmãos designados para acompanhá-lo não estavam permitindo e entraram em seu pensamento o convencendo a ir ao seu aposento, devido ao mau

tempo. Assim foi feito. Porém, na espiritualidade maior, um benfeitor se deslocava para próximo de nosso amigo para protegê-lo. Quando Plácido chegou em seu aposento, juntamente com os irmãos descontentes, estava muito inquieto e com medo. Ajoelhou-se ao chão para rezar. Os irmãos tentariam novamente a manipulação mental, mas ao verem a presença do benfeitor, se assustaram, recuaram e foram embora. Temporariamente, é claro. O benfeitor se aproximou de Plácido, e nesse momento, o frade, sentindo a vibração amorosa, se encheu de paz e conseguiu que seu guia também se aproximasse. E naquele momento, Plácido entendia que a força de Deus jamais esmorece para as trevas, mas que tudo depende dos pensamentos e das ações de cada um. Plácido foi fluidificado, orientado e preparado para enfrentar novamente os irmãos e tudo o que estava por vir. Que não seria pouca coisa.

Marcos, apesar de ser o mais amoroso, era o mais desconfiado do nosso grupo. E, também, deixava algumas portas abertas. Como a gula e o sentimento de inferioridade. Marcos compensava a insegurança, o medo da exclusão social e a timidez comendo em excesso. Marcos era bom, mas seu maior problema não era a gula. Era fazer tudo o que lhe pediam. Marcos não sabia dizer não para ninguém. O problema é que isso é nocivo quando os pedidos não são lícitos. E Marcos era facilmente manipulado e controlado por quem quer que tivesse um pouco mais de inteligência e conhecimento de

estratégias. Marcos era suscetível a qualquer ideia, vindo de quem fosse. Por isso, as trevas não se preocupavam com ele, pois um encarnado mesmo daria conta de fazer esse trabalho. E tudo se encaminhava para isso. O cerco ia se fechando e o momento de Marcos agir se aproximava. Muito iria acontecer.

Capítulo 3

Pelos corredores grandes e gelados seguia a carta de Eufrásio seu rumo até chegar ao Papa. Evidentemente que cartas como aquela passavam antes por intermediários, a fim de que fosse feita uma triagem de informações. O bispo que a leu, porém, não se demorou em dar prosseguimento ao destino da correspondência. E em poucos dias a carta de Eufrásio chegava às mãos do Papa antes da carta de Felipe. Ela foi entregue ao Santo Padre por um bispo de confiança que o advertiu sobre o conteúdo, dizendo se tratar do acervo solicitado, mas que havia mais informações que o desejado. Com isto dito, o Papa passou os olhos rapidamente pela catalogação e procurou o conteúdo não desejado, como foi advertido. Ao ler o título da catalogação, o Papa demonstrou apenas uma expressão fechada por alguns momentos, e logo em seguida perguntou ao bispo:

- Quais providências já foram tomadas?

- Ainda nenhuma, Vossa Santidade. Aguardamos as vossas instruções.

- Quem mais teve acesso?

- Esta eu mesmo li. Mais ninguém além de nós dois, Vossa Santidade.

- O que ele pretende colocando isso em uma correspondência oficial?

- Talvez seja uma afronta ou até uma ameaça.

- Se for uma ameaça, precisamos responder com rigidez.

- Mas o que fazer, Vossa Santidade?

- Há alguém neste convento em condições de assumir as funções dele?

- Preciso verificar, mas não creio.

- Faça com urgência.

E assim a carta de Eufrásio foi recebida. A intenção do Papa estava clara, era a de afastar Eufrásio de suas funções no convento e por causa dos livros inacessíveis, porque eram expostos em uma lista em correspondência oficial. A Igreja mostrava, através de seu representante maior, a vontade de se manter em sigilo todas as informações a respeito. E que estaria disposta a punir quem quer que arriscasse a segurança destas informações. Enquanto Eufrásio aguardava no convento, o bispo que aconselhava diretamente ao Papa iniciava uma pesquisa sobre ele e sobre possíveis substitutos dentro do próprio convento. A carta de Felipe ainda estava chegando.

Frei Tibúrcio encontrou Plácido andando pelo pátio do convento de forma apressada e o interrompeu:

- Pare, irmão, pare! Aonde vais com tamanha pressa?

- Bendito seja o irmão. Estou indo à igreja.

Tibúrcio parou por alguns momentos e ficou olhando em silêncio para Plácido. Até que voltou a falar:

- Está no seu período de orações?

- Não, mas...

- Então não vá! – Tibúrcio interrompeu Plácido de forma veemente.

- Mas, irmão...

Tibúrcio não permitiu Plácido continuar:

- Vá fazer seu trabalho! Vocês, preguiçosos, só querem passar o dia na igreja para não fazer seu trabalho! Vá, vá!

E fazendo gestos com as mãos, Tibúrcio apontava para Plácido ir para o lado oposto da

igreja. Plácido, um pouco assustado com aquilo, obedeceu. Não reclamou, mas achou estranho.

Porém, observando Plácido partir estavam com Tibúrcio duas entidades trevosas que intuíram o velho frade na conversa. Tibúrcio era um antigo conhecido das fileiras das trevas e atual parceiro encarnado. Um legítimo representante consciente dentro do clero. Tibúrcio sempre foi avesso a alguns dogmas, mas após sua entrada na velhice, passou a enxergar seu lado negativo com mais clareza e se comprazia em atuar. Recebia informações diretas e as conseguia identificar. Sabia de tudo o que estava acontecendo sobre os livros. E naquela conversa, descobriu a ameaça que Plácido representava.

As fileiras trevosas já se movimentavam em torno de Plácido com maior atuação. O chefe que ordenou a presença de sete entidades acompanhando o frade estava observando todos os movimentos no convento e se mostrava preocupado com as investigações de Plácido. Mais preocupado que antes, iria agir com maior firmeza.

Plácido não era o único a sofrer com ataques das trevas, eu também estava prestes a começar a sofrer perseguição. O problema comigo é que indagava muito sobre o conteúdo de livros no sentido de associar isso aos livros inacessíveis. Como no caso do livro grego. Pareceu-me, que devido ao conteúdo daquele que copiava e à reputação que

tais livros tem, algo não estava certo. Porém, não disse nada a ninguém, guardei para mim. No entanto, devido à infiltração dos irmãos descontentes em nosso convento e em grande número na biblioteca, tive o íntimo sondado e vasculhado por eles. Essas informações foram levadas até o líder, que não gostou da ameaça iminente e ordenou duas entidades para me acompanharem e impedirem qualquer investigação a esse respeito. Obviamente, eu não sabia disso na época, soube muito tempo depois, na espiritualidade. Portanto, não percebia, de início, a presença de tais irmãos tentando influenciar-me. Porém, minha vida permaneceu normal. Ao contrário da de Plácido.

Felipe não mais aguentava tanta expectativa. Andava de um lado a outro, tentando em vão, se acalmar. Ele sabia que sua carta estava prestes a chegar às mãos do Papa e isso o alegrava e incomodava ao mesmo tempo. Porém, a ação dos irmãos trevosos sempre prevalecia e Felipe sentia mais felicidade que incômodo. E com isso aumentava o sentimento de que tinha feito algo de bom, de positivo para ele e para o convento.

Após alguns dias da chegada da carta de Eufrásio, a carta de Felipe chegava às mãos do bispo que entregara a de Eufrásio ao Papa e que tinha escondido do Santo Padre que somente os dois tinham lido. O primeiro bispo a ler a carta tinha sido Torrentino Magno e ele, Luccianno

Borja, que era de confiança do Papa, foi quem entregou a carta. Luccianno mentiu ao Papa apenas para proteger Torrentino, pois tinha receio da reação do Santo Padre se soubesse que mais alguém além deles sabia das informações. Luccianno não tinha qualquer motivo escuso para tal mentira, sendo apenas, como explicado, um instrumento de defesa utilizado para proteger o amigo. Porém, isso foi inspirado pelas Luzes do Bem, não a mentira, evidentemente, mas o fato da carta de Eufrásio ter sido direcionada para Torrentino, que era bom e gostava de livros. Aquela informação aguçou sua curiosidade para ler aquele acervo. Ele ficou muito intrigado com aquilo, tendo até o impulso de ir ao convento. Mas sabia que os livros estavam inacessíveis, portanto, preferiu aguardar os fatos para ver as reações do Papa. Sabendo que Luccianno tinha omitido sua leitura, pois o próprio Luccianno o revelou, se tranquilizou na espera dos próximos acontecimentos.

Luccianno fazia suas pesquisas quando a carta de Felipe chegou, finalmente. Foi entregue, junto com outras, por um mensageiro interno. Desnecessário dizer quem colocou a carta de Felipe por cima do montante para ser a primeira a ser lida. Os irmãos descontentes, claro, em um jogo de manipulação fluídica. Enquanto lia a carta, Luccianno ia conquistando a certeza de que suas buscas estavam encerradas. Felipe tinha várias credenciais, tinha experiência, boas ideias e

disposição. Porém o fato de ter enviado a carta sem autorização de Eufrásio, isso ficou claro, pois Felipe dizia em um dos trechos que Eufrásio não aceitava suas ideias, era radicalmente contra e jamais permitiria uma solicitação formal ao Papa. Isto conclui que Felipe agiu sem autorização, e isto depunha contra ele. Afinal, mostrava insubordinação, e isso não era bom. Se fosse Felipe a assumir, precisavam ter uma postura diferente com ele, mais assertiva. Imediatamente levou a carta ao Papa. Conseguindo ser atendido, iniciou a conversa:

- Vossa Santidade, sobre o convento onde consta o acervo preservado – o termo “preservado” era usado por eles para evitar “escondidos” ou “inacessíveis”. – Temos um fato novo e muito interessante.

- Qual fato seria, bispo?

- Veja – mostrou a carta – acabou de chegar. Quem assina é um frade auxiliar direto de Eufrásio. Veja Vossa Santidade, com seus próprios olhos.

O Papa pegou o documento e lia em silêncio enquanto andava pelo cômodo. Até que perguntou ao bispo Luccianno:

- Podemos utilizá-lo?

- Creio que sim, tem boas credenciais e...

O Papa o interrompeu:

- Meu caro bispo, quem vai assumir o convento não me preocupa. O convento não me preocupa. A vida que eles levam não me diz qualquer respeito e não tenho nenhum interesse nisso. Minha pergunta é se esse Frei Felipe pode nos ajudar em nosso plano para o acervo preservado.

Luccianno fez expressão de entendimento e falou:

- Sobre isso, Vossa Santidade, como escrito na carta, ele não solicitou permissão ao superior para enviá-la, isso mostra sua impetuosidade.

- Isso não será problema, será uma ajuda. Usaremos essa energia a nosso favor. Mas diga, você considera que ele tem condições emocionais?

- Creio que sim, Vossa Santidade.

- Certo. Nomearemos Frei Felipe como titular do convento e começaremos, aos poucos, a passar informações.

- E quanto ao que ele deseja fazer no convento?

- Diga que faremos, mas que isso leva tempo e precisaremos nos ajustar antes. Enfim, vamos ganhando tempo com ele.

- E Eufrásio?

- O destino dele, como de outros amigos nossos – sorriu brevemente – é o tribunal de inquisição.

- E sob qual alegação?

- Isso nunca foi necessário. Use qualquer uma. O destituímos alegando que cometeu injúrias contra o Cristo e à Igreja no passado e o enviamos para o tribunal. O condenamos e o queimamos como herege. Já fizemos isso antes... Você sabe qual é o procedimento.

- Sei perfeitamente, Vossa Santidade. E quando começamos?

- Começamos agora. Precisamos nos livrar de tudo isso o mais rápido. Isso está me incomodando muito... Aproveitemos este momento.

- Perfeitamente. Com sua licença, Vossa Santidade. – Fez reverência e saiu com a carta de Felipe nas mãos, pois o Papa a tinha devolvido antes de ler todo o conteúdo.

- Tratemos com urgência destes assuntos. – Ordenou o Papa.

Uma entidade das trevas, muito poderosa, acompanhou o diálogo e intuiu o Santo Padre, assim como a Luccianno. E não o fez somente

naquele momento. O Alto Clero também estava contaminado com a presença de irmãos descontentes. A diferença, é que para bispos e o Papa, o tratamento era especial, pois o próprio general das trevas cuidava pessoalmente do caso. Esse general era o ponto maior na hierarquia trevosa que se infiltrava no clero. Ele era o que hoje é conhecido como mago negro. E tinha total controle sobre o Papa, que se comprazia da parceria.

As cartas haviam causado impacto no Papa e causariam ainda mais no convento. Eufrásio e Felipe teriam suas vidas mudadas radicalmente. Eufrásio, para pior. Enquanto que Felipe desfrutaria da autonomia que poderia possibilitar melhores condições para o convento, mas que no final, não aconteceriam. Pois a atenção do frade se desviaria do aspecto principal. Naquele momento, o fato de Felipe já estar dominado por irmãos trevosos e tratar de forma mais direta com o Papa, que por sua vez era enredado por forças trevosas altamente inteligentes e poderosas, apenas agravava a situação, pois se Felipe já estava aceitando as propostas dos irmãos descontentes, a partir de então não teria praticamente mais chances de reverter a obsessão, pois o domínio seria absoluto.

Havia interesses das trevas bem maiores que tomar conta de frades e de um convento, isso demonstrado pela obsessão do Papa. A proposta das trevas era de exterminar conhecimentos. Em

plena idade média, a ideia era a de não permitir raciocínio por parte dos homens. Raciocínio diferente do que se praticava. Não seria possível sair da fase trevosa da humanidade sem reflexão, sem luzes, como aconteceu. E sempre vai acontecer.

É importante deixar claro que nas batalhas do bem contra o mal, o bem sempre irá vencer, porém o mal pode retardar essa vitória. E os homens invigilante podem contar nas fileiras do mal ao término. E esta batalha que a humanidade travou atrasou muito o seu progresso. E ainda atrasa, muito pouco nos dias de hoje, pois os conhecimentos perdidos naquela época, hoje são teoricamente aceitos, ou seja, até parcialmente aceitos, pois foram trazidos à Terra de outras maneiras, por outros homens, religiosos ou não. O problema é que os textos que estavam inacessíveis no convento da Itália, se fossem lidos naquela época, poderiam causar um despertar de consciências muito mais cedo do que houve e a humanidade poderia ter conhecimentos maiores ou mais avançados hoje. Porém, é errado dizer que as trevas venceram. Pois os conhecimentos foram trazidos e os livros foram destruídos fisicamente, mas se encontram guardados na espiritualidade mor e muito bem protegidos, aguardando o momento de serem trazidos novamente à Terra. Não terão o mesmo impacto que teriam, mas estarão de volta ao seu lugar. Portanto, não há luz que as trevas possam apagar. O bem sempre triunfará sobre o

mal. Ainda há atraso hoje, pois estes livros ainda estão perdidos, mas quando forem materializados novamente, tudo voltará ao seu lugar. É importante dizer que o conteúdo desses livros vai contra a alguns dogmas da Igreja Católica, e por isso, havia interesse em destruí-los. E, como dito, os interesses por parte das trevas era apenas de atrasar o progresso intelectual, não feito, pois tais conhecimentos, mesmo que desaparecidos momentaneamente, foram devolvidos por outras mãos, de outras maneiras.

Plácido sentia-se mal, a dor na cabeça comprimia sua caixa craniana, essa era sua impressão. Seu corpo estava febril, Plácido não tinha forças para se levantar. Queria, mas não estava conseguindo. Passava muito mal. Frei Tibúrcio, de repente, apareceu no cômodo de Plácido, o que não era normal, Tibúrcio não circulava pelos dormitórios assim tão cedo, pois o sol ainda não tinha nascido.

- Irmão Plácido, há algum problema com o irmão? – Tibúrcio entrou no cômodo sem pedir autorização e fez expressão de preocupação.

Plácido, com tanta dor, não pensou que aquilo era estranho. Respondeu naturalmente:

- Não me sinto bem... Meu corpo, minha cabeça...

Tibúrcio aproximou-se e colocou a mão sobre a testa de Plácido:

- Febre. Seu corpo está desvitalizado, irmão?

- Sim, frade.

- Espere aqui. Trarei um remédio para o irmão.

Plácido consentiu com um movimento de cabeça e Tibúrcio saiu para pegar o dito remédio. Porém, Plácido corria perigo. Pois não se tratava de remédio e sim, veneno. Tibúrcio, como parceiro das trevas, tinha ordens de eliminar Plácido, que estava sofrendo as dores por ação dos irmãos descontentes. Mas Deus é justo e bom e não desampara seus filhos. Três benfeitores apareceram no quarto e atuaram nos sete irmãos descontentes sem que eles percebessem, tirando suas forças magnetizadoras. Com isso, Plácido sentia melhoras no corpo. Os irmãos descontentes percebendo a melhora, não sabiam o que estava acontecendo e ficaram sem saber o que fazer. Com esta baixa de guarda, um dos benfeitores conseguiu se aproximar de Plácido e o fluidificar diretamente, enquanto outro se mantinha retirando as forças magnetizadoras dos irmãos, e o terceiro foi até meu quarto me intuir para ver Plácido. Acordei assustado com o pensamento fixo em Plácido e a sensação de que algo ruim estava acontecendo. Corri para seu quarto. Quando cheguei, Tibúrcio

também chegava com um cálice na mão. A me ver, se espantou e tentou me tirar de lá:

- Vá embora! Não tem o que fazer aqui!

- Vim ver meu amigo, que precisa de mim! –
Fui intuído a dizer isso.

Tibúrcio olhou para o cálice. Percebeu naquele momento que não poderia continuar seu plano, pois seria descoberto porque eu era testemunha de que ele daria algo a Plácido.

- Quer cuidar dele? Pois bem! Não me intrometo mais em assuntos assim!

Tibúrcio foi embora junto com o cálice. Entrei no quarto e Plácido parecia bem, sentado na esteira. Olhou para mim e disse:

- Foi somente um mal estar. Sinto-me bem agora.

Os benfeitores nos fluidificaram. Os irmãos descontentes, sem saber como agir, foram embora temporariamente e, novamente, Plácido havia sofrido um ataque, com mais intensidade desta vez.

Algumas semanas se passaram e a agitação no convento era a mesma. Plácido sofria os ataques dos irmãos descontentes, porém não mais de forma tão incisiva como do episódio do veneno com

Tibúrcio. Ao contrário, tentavam enredá-lo mentalmente para conseguir que ele afrouxasse suas investigações e ao mesmo tempo sugavam suas energias o deixando fraco. Pouco a pouco. Porém os amigos da espiritualidade maior também agiam, e a cada desvitalização, fluidificavam Plácido o mantendo forte. O problema era que essa oscilação de energia vital muito intensa mexia com o organismo físico de Plácido, e ele adoecia aos poucos. O fato de continuar firme na investigação fez com que passasse, inclusive, a se alimentar de forma inadequada e dormisse menos, tudo porque a ideia dos livros ocupava sua mente. Com tudo isso, Plácido realmente adquiria fraquezas físicas. Portanto, a proteção espiritual precisou ser maior e os benfeitores agiam também nos irmãos descontentes para que suas ações fossem minimizadas.

Enquanto essa batalha era travada, chega ao convento, de surpresa, uma comissão do alto clero com inquisidores da comitiva, que era liderada por Luccianno. Foi um alvoroço, todos corriam para as portas e janelas e se aglomeravam em pequenos espaços para ver o que iria acontecer. Eufrásio, naturalmente, estava à frente para recebê-los. Então, descendo da carruagem, Luccianno se pronunciou:

- Irmão Eufrásio de Luca – falava em tom alto e imperioso – por heresias cometidas contra a Igreja

no passado, serás preso e julgado pela Santa Inquisição do Senhor!

O espanto foi geral, ouviam-se murmúrios, mas o silêncio, de susto, predominava. Luccianno completou:

- Prendam este homem – apontou em direção a Eufráasio, que não conseguia se mexer nem falar. Estava em estado de choque.

Eufráasio não ofereceu resistência. Alguns homens caminharam até ele, o seguraram e o colocaram na segunda carruagem da comitiva. O levaram embora. Eufráasio nunca mais voltou.

Mostrando conhecer o convento, Luccianno apontou o braço em direção a Felipe e disse:

- Felipe, vamos conversar em particular. Agora.

Tendo dito isso, o frade o atendeu e todos acabaram por se dispersar novamente. Chegando ao local da conversa, Luccianno tirou um pedaço de papiro de uma pequena bolsa que carregava e disse:

- Sou Luccianno Borja, bispo da Santa Igreja Católica, venho representando Vossa Santidade, o Papa, e tenho boas novas para você, Felipe.

Felipe, muito desconfiado, ainda calado, pois não sabia o que dizer, achava até então que a carta

não tinha sido bem aceita, mas com Luccianno dizendo que eram boas novas, se tranquilizou um pouco. Indagou:

- Boas novas, irmão bispo?

- Sim. Boas novas, Felipe.

Tomou coragem:

- E quais seriam?

Luccianno foi simples e seco:

- Você vai assumir o convento.

Espanto completo:

- Eu? Mas não...

Luccianno o interrompeu:

- Essa é a vontade de Deus e o Pontífice acata. Tenho em minhas mãos carta do próprio Papa com tal autorização. – Entregou-a a Felipe.

Ainda atordoado, Felipe pegou a carta e começou a ler. Era exatamente aquilo que Luccianno dissera. Nesse momento, o chefe das trevas que dirigia as investidas, o mesmo que ordenou os ataques a Plácido, surgiu em um canto do cômodo e mentalmente passava mensagens

positivas de alegria e êxito para Felipe, que as recebeu muito bem. Após alguns segundos mudo, Felipe exclamou sorrindo olhando para Luccianno:

- Que seja feita a vontade de Deus!

Eles então passaram algumas horas conversando sobre o futuro do convento e com a presença do chefe das trevas o tempo todo acompanhando e influenciando nas decisões. Em algum ponto, Felipe indagou:

- Mas irmão bispo, e quanto às melhorias que podemos fazer, que citei na carta?

Luccianno, sorrindo, respondeu:

- O Papa as achou ótimas!

Felipe sorriu, mas perguntou:

- Então, quando as poderemos executar?

- Felipe, ainda não neste momento. Entenda que é um momento delicado com Eufrásio sendo julgado e o convento trocando de mãos. É mais prudente aguardar mais um pouco, não concorda?

Com a justificativa lógica, Felipe não teve como discordar:

- Sim, concordo. Plenamente, irmão.

E concordava mesmo. Não apenas para acatar, pois Felipe não faria isso. Ele concordou porque realmente fazia sentido.

Durante toda a conversa, o chefe das trevas, mentalmente, passava sensações de felicidade para Felipe, que as sentia e abria portas fluídicas para receber quaisquer emanções provenientes daquela fonte. Era como se o chefe das trevas criasse uma conexão, uma sintonia com Felipe através de sensações boas, em um momento desejado pelo frade, importante em sua vida. Não há melhor momento para estabelecer conexões.

E assim foi feito, o chefe emanava sensações falsas de alegria e júbilo e, devido ao momento, Felipe as aceitava tão bem, que ficava receptivo para mais daquela fonte. A conexão estava feita. Conexão fluídica e mental. Obviamente inconsciente, mas eficaz.

Felipe assumia o controle do convento e iniciava seus trabalhos com o auxílio do chefe do exército das trevas que atacava os frades e o convento.

Capítulo 4

Naquela altura dos acontecimentos, nem tudo estava claro para Felipe. E eram grandes seus questionamentos: por que Eufrásio, de fato, tinha sido preso? Crimes do passado? Que crimes? Eufrásio não parecia ser capaz. E por que esses crimes não foram mencionados, se em outras ocasiões foram? E será que essa escolha para o novo comando se dava exatamente a qual fator? Eram muitas perguntas e Felipe não tinha as respostas. Mas não tinha muito tempo para achá-las, pois precisava iniciar suas atividades, que eram muitas. Luccianno havia partido e prometido retornar em pouco tempo, porém solicitou uma carta a cada semana informando todos os acontecimentos do convento.

Luccianno havia se mostrado muito interessado pela biblioteca e isso também aguçou a curiosidade de Felipe, que desejava saber o motivo. Tem mais por trás disso, pensava. Felipe era muito astuto e muito inteligente, não deixaria de forma alguma ser ludibriado ou manipulado por encarnados, pois tinha um senso de desconfiança que o protegia de investidas contra ele neste sentido. O bispo havia deixado a carta do Papa com Felipe para que fosse mostrada aos demais frades. Felipe o perguntou, antes de sair se não faria, ele, Luccianno, o pronunciamento oficial, e a resposta foi que não porque o Papa desejava saber como os frades reagiriam ao pronunciamento feito por ele próprio.

Isso também não fechou um raciocínio em Felipe, que não entendia por que isso seria melhor que um representante do alto clero o fazer. De toda forma, já estava tudo pronto, e na missa da manhã seguinte, a primeira do dia, Felipe faria um pronunciamento para todos os frades e mostraria a carta do Papa com suas determinações. Estava certo de que quaisquer possíveis contestações iriam ser expostas na primeira carta semanal ao Papa, mas na verdade, ele não se importava com isso. Sua maior preocupação era iniciar suas tarefas à frente do convento. Começaria se inteirando de tudo, e aos poucos, impondo seu ritmo e, com a ordem do Papa, implantando as melhorias, que esperava fossem logo autorizadas, pois desejava vê-las postas em prática. Porém, todos esses preparativos, toda essa linha de raciocínio, era vigiada de perto pelo chefe das trevas. Infelizmente, Felipe, estava muito bem conectado a ele e isso não poderia dar bons resultados.

Plácido voltou até a biblioteca para me procurar. Queria novamente saber sobre os livros.

- Irmão Lucarino, bom dia. Que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o irmão.

- Que assim seja, irmão. O irmão está melhor? Depois do seu mal estar, sentiu mais alguma dor ou febre?

- Não, irmão. Sinto-me bem, mas agradeço a atenção do irmão.

- Não há motivos de agradecimento. Veio procurar quais livros? A biblioteca foi novamente liberada! Foi a última, talvez a última mesmo – fiz uma pausa – atitude de Eufrásio.

- Não, irmão. Vim saber sobre a pesquisa com os outros copistas que o irmão ficou de fazer. E então, o que disseram?

Na verdade, eu tinha me esquecido disso, porém havia conversado com alguns poucos devido ao número de copistas, então tinha informação para passar, mesmo que pequena.

- Não conversei com todos, mas todos os que eu conversei disseram a mesma informação, de que são livros guardados esperando cópias. A mesma informação que lhe passei várias vezes. Ninguém conhece outra história e ninguém forneceu novos dados. É apenas isso.

Plácido pareceu desapontado com o que disse, mas agradeceu de toda forma.

- Bem, irmão, eu agradeço seu apoio. Mas vou continuar tentando buscar as informações porque...

Eu o interrompi:

- Irmão Plácido, não considera que esteja indo acima do razoável com essas investigações? Há semanas que o irmão apenas fala sobre isso. Deixou, inclusive, outras leituras para se dedicar exclusivamente a isso. Vou usar de sinceridade com o irmão. Isso está me preocupando. Até pelo fato de o irmão ter me confidenciado sobre uma possível perseguição por espíritos do mal. E tudo isso começou depois que o irmão iniciou a investigação. Estou sendo radical, irmão?

Plácido abaixou a cabeça. Sabia que fazia sentido. Mas quando ele olhou novamente para mim, eu soube que ele não iria parar.

- O irmão tem razão. Mas a força de Deus jamais recua diante dos anjos da morte, do inferno, do satanás. Jamais teme o mal e o enfrenta olhando em seus olhos de forma justa e equilibrada.

Ponderei:

- Mas o irmão considera que a forma está equilibrada? O irmão apenas fala e pensa no mesmo assunto...

- A situação extrema exige reações extremas. Entenda irmão que há algo muito maior por trás disso...

O interrompi:

- Como pode o irmão saber?

- Eu apenas sei. Eu sei. Outra noite, sonhei com um anjo que me disse para tomar cuidado, mas que o caso era muito grave e eu precisava cercar-me de todas as informações que pudesse.

- O anjo disse para tomar cuidado. E quais cuidados o irmão está tomando?

- Estou... Estou sim. Vários. Sempre faço minhas orações, vou à igreja, faço...

Novamente o interrompi:

- Tudo isso já era feito. O que mudou? Quais atitudes diferentes o irmão adotou para se cercar de cuidados extras?

Plácido ficou em silêncio tentando achar a resposta, mas ela não veio e eu aproveitei o intervalo:

- Não tem nenhuma ação nova para tomar cuidado. E o irmão está vendo como tudo isso é perigoso, como os fatos estão acontecendo. O anjo disse da seriedade do assunto, te pediu para pesquisar, mas te pediu para ter cuidado. E isso você não está fazendo. Tome, portanto, irmão, cuidado. Diria até, muito cuidado.

Plácido parecia entender:

- Certo. Realmente faz sentido o que o irmão diz. Não tenho pensado em nada mais desde então. Preciso reconsiderar alguns pontos e...

Tibúrcio apareceu andando pelo canto do imenso salão nos olhando de forma reprovável, isso fez com que Plácido silenciasse assim que o viu. Então, perguntei:

- Não foi estranho frei Tibúrcio estar próximo quando você passou mal? Digo, ele não tem costume de estar de pé tão cedo.

Convidei Plácido à reflexão que ainda não tinha sido feita.

- Faz sentido. Ele vem conversando comigo mais que o habitual. Acredito até que nunca havia falado diretamente comigo. Agora está sempre me dando alguma bronca e aparecendo próximo a mim. O que será que isso quer dizer?

- Não sei irmão. Mas o irmão precisa mesmo tomar cuidado. Com tudo.

Dias se passaram e a tensão diminuiu no convento, pois a missa onde Felipe assumiu oficialmente foi bem sucedida e nenhum irmão ousou dizer nada contra. Muitos por apoiarem, mas a maioria por absoluto medo, uma vez que aquela era uma ordem do Papa. Ninguém contestou nem fez qualquer movimento que pudesse ser encarado

como oposição. Tudo se silenciou e normalizou-se, exceto é claro, as movimentações espirituais, essas continuavam em plena agitação.

Felipe tinha boas intenções, e mesmo apesar de ter a conexão com as trevas provocada pelo chefe do exército que atacava o convento, iniciou seus trabalhos de forma positiva, se inteirando de toda trabalho, conversando com os frades, visitando todos os locais, fazendo anotações. Queria, pois, fazer o melhor que pudesse. O irmão descontente permitiu que fizesse, não o impediu, mas o acompanhou todo o tempo, até porque Felipe não foi à igreja.

A vida parecia entrar no rumo da paz. Os ataques descontentes pararam os ataques aos irmãos frades, porém eles arquitetavam em seus recônditos algo mais forte e decisivo. Com isso, a espiritualidade maior também se movimentava no intuito de descobrir tais planos para impedi-los. Ou seja, no plano terreno, tudo corria bem, mas no astral, o embate permanecia.

- Amado instrutor, ainda temos como entrar em seus salões? – André perguntava ao instrutor que liderava a expedição que tentava entrar em uma reunião das trevas.

- Sim. Não foi possível entrarmos disfarçados. Portanto, tentaremos sem sermos descobertos. – Respondia Júlio.

Uma equipe de três benfeitores e dois estudantes tentava infiltrar-se em uma reunião das trevas onde se planejavam os próximos passos aos ataques no convento. Através de alterações na frequência da vibração perispiritual, mantendo-se em prece, os cinco membros da equipe conseguiram entrar junto com a multidão, mas ficaram no fundo do maior salão do complexo trevoso, de onde, através de um telão, se via os líderes, que estavam em outro local.

- Júlio, não corremos o risco de sermos descobertos?

- Sem dúvida, André, mas com a prece conseguimos manter nossa vibração alterada e imperceptível para os irmãos que estão neste salão. Estamos verificando a distância em que os chefes estão de nós para sabermos se nosso disfarce estará eficiente até o término e nos garantindo segurança.

André percebeu que seu instrutor havia respondido a pergunta, mas era prudente o silêncio e a oração. Maiores esclarecimentos viriam depois.

A reunião começava. O chefe das trevas, não o mago negro, que cuidava pessoalmente do Papa, mas a entidade que estava conectada a Felipe, vestindo uma espécie de manto negro com capuz, levantou-se, tirou o capuz, revelando seu rosto deformado e horrendo. Essas entidades não estavam no mesmo complexo de salões, onde uma multidão de espíritos descontentes se aglomerava.

Estavam próximos de lá, em um local similar a um estúdio, uma sala de onde poderiam fazer esse tipo de reunião para um número muito maior de espíritos. Após levantar-se, aguardou alguns instantes para o silêncio se fazer e iniciou o discurso:

- Estamos muito próximos de conseguir nosso objetivo de destruição e atraso. Mas contamos com dificuldades e obstáculos que ainda não conseguimos retirar. Esse garoto, como exemplo. O desencarne dele está autorizado. Alguém tinha alguma dúvida disso? Pois vi poucas ações neste sentido e todas sem efeito e a maioria desmascarada facilmente pelos seguidores do dissimulado de Nazaré. – Fez uma pausa e continuou. – Aquele, portanto, que me trouxe esse garoto aqui para falar comigo ou fizer melhor, provocar seu desencarne, terá honras e benefícios em nossas fileiras, será agraciado com benesses de todos os tipos. Como disse, está livre o acesso, existe a autorização. Agora, façam e façam bem feito. Este é um ponto. Tratemos de outro. O novo responsável pelo convento, que está sob meus cuidados ainda está muito ligado ao bem, e dificilmente irá executar o que desejamos. Precisamos de um executor para ele. Precisamos de alguém que faça o que ele não fará, mas planejará. E participará por interesses, mas não terá a coragem de fazer. Sondem a todos e me tragam nomes, que analisarei pessoalmente.

O chefe fez uma pausa mais longa, abaixou a cabeça, olhou para trás onde estavam seus comparsas maiores. Parecia que havia descoberto a vibração dos benfeitores e dos estudantes. Antes mesmo que a dúvida fosse tirada, imediatamente Júlio indicou a saída por transporte direto, isto é, sem necessidade de deslocamento pelo lugar, e sim voltando ao caminho que conduzia à colônia onde habitavam.

Precisavam fazer assim, pois não foram para lá no intuito de brigar, muito pelo contrário. Mas não poderiam arriscar serem capturados. A saída foi prudente e certa, pois o chefe tinha mesmo sintonizado a presença deles e estava prestes a tentar um ataque pessoal. Ao perceber que não mais estavam, continuou seu discurso. Porém as informações que a equipe da espiritualidade maior conseguiu já indicavam o caminho: A situação estava por piorar.

O cerco se fechava ainda mais no convento. As ações das trevas seriam ainda mais contundentes, pois inclusive procurava-se um executor encarnado para o trabalho sujo. E não seria Tibúrcio, pois Felipe não confiava nele, portanto não dava espaço para o velho frade se manifestar. E a situação de Plácido estava bastante delicada. As centenas de irmãos descontentes que ouviram a autorização de seu chefe trevoso para provocar seu desencarne, o atacariam sem pena e utilizando-se de todos os recursos possíveis. Plácido, por sua vez, por

continuar a investigação sem tréguas, continuava perdendo saúde. Mas a ação da espiritualidade maior seria de fundamental importância. Imediatamente após saírem da reunião das trevas, os benfeitores colocaram Plácido dentro de um envoltório fluídico poderoso que anulava as ações de desencarnados contra ele. Isso dificultaria as ações trevosas, mas não o livraria de todo mal, que ele mesmo já estava causando. Porém, muitos irmãos trevosos são inteligentes e percebendo o envoltório, rapidamente entenderam de que não adiantaria ficar tentando o manipular mentalmente ou o magnetizar. Mas poderiam, através da manipulação de outro encarnado, chegar até ele. Para que esse outro encarnado, por sugestões vindas deles, pudesse o convencer de algo e o levar a algum comportamento. Foi o que o próprio chefe das trevas fez através de Felipe.

Estavam na sala da administração e Felipe teve a intuição de conhecer melhor a equipe que o cercava. Olhou para aquele garoto e o chamou para perto, sorridente:

- Irmão – apontava para ele – desculpe-me, mas seu nome é... Cândido, não?

Plácido sorriu ao responder:

- Chamo-me Plácido, irmão Felipe.

- Perdão, irmão! Mas, por favor, chegue para perto, gosto de conhecer as pessoas com quem trabalho. Você está há pouco tempo nesta tarefa, não o lembro de ter o visto muito por aqui.

- Estou há pouco tempo, sim, irmão. E neste período, o irmão ficou um pouco afastado...

- Sim, sim... Tive um período anterior um pouco tenso, mas graças ao bom Deus, tudo voltou à normalidade e ainda, por Misericórdia Divina, tenho esta nova tarefa a cumprir. Mas diga-me, irmão, quais suas preferências, do que mais gosta nas tarefas do convento? – Esta pergunta foi formulada diretamente pelo chefe trevoso e por intuição foi dita por Felipe.

Plácido, que já estava feliz por ter esse tempo com Felipe, não pensou muito e aproveitou o momento para continuar suas investigações:

- Gosto da leitura. Amo os livros. Gosto de ler tudo. Inclusive, irmão, sobre os livros inacessíveis, protegidos...

Felipe o interrompeu sorrindo:

- Eu conheço essa história, irmão Plácido, mas até então não vi nada, não ouvi nada. Se existem ainda não tomei conhecimento.

- É estranho, pois muitos afirmam ser verdade e outros negam veementemente. Não terá alguma verdade por trás disso?

- Não sei, irmão, é algo que me intrigou durante algum tempo, mas que hoje não mais tem o efeito de antes.

A intenção do chefe das trevas era provocar essa conversa e estreitar as relações entre os dois, para também ter algum acesso a Plácido. Felipe ainda não sabia sobre os livros inacessíveis, Luccianno ainda não tinha falado neste assunto com ele. Portanto, o chefe das trevas desejava que Felipe tivesse essa conversa anterior para que, ao saber por Luccianno, force um raciocínio próprio, sem a sua interferência e comece a ter o espírito investigativo. A questão era que Felipe não tinha as credencias malévolas para o intuito, por isso a necessidade de um executor, que não seria Plácido. A conversa continuou:

- Tenho tanta curiosidade em saber quem escreveu estes livros e seus conteúdos, obviamente, seus temas... Muito me interessa este assunto.

Felipe começava a ficar interessado:

- E o que sabe?

- Tenho informações de que não estão guardados na biblioteca, estariam em uma sala

escondida. Que as cópias não são permitidas para não danificar o papiro. Frei Roberto disse que não existem. E que alguns frades me aconselharam a não mais tocar neste assunto. E ainda mais, que foram escritos em línguas coptas, aramaico, sânscrito, talvez grego.

- Realmente interessante, mas por que não foram autorizadas as cópias? Este motivo dito não é convincente.

Este comentário de Felipe também foi induzido pelo chefe das trevas, ele queria inflar o interesse de Plácido, para que continuasse a investigação de forma ainda mais firme, com isso, talvez dormisse ainda menos e se alimentasse ainda pior, o que levaria a mais perda de saúde.

- Sem dúvida, irmão, não há dúvida! – Plácido mostrava euforia – Este argumento não convence! Não há garantias de que onde estejam, há proteção devida contra água, mofo, umidade e outros fatores do tempo e armazenagem.

- E por que a Igreja não permite a leitura? O que será que tem nestes textos? Também fiquei curioso!

O chefe das trevas era muito habilidoso e sabia colocar as palavras certas na boca de Felipe. Plácido respondeu:

- Isso me intriga também! Há quem diga que há muitos textos escritos na língua de Jesus, nosso mestre e irmão maior, se for verdade, podem conter ensinamentos valiosos dos quais não temos conhecimento!

- Sim, é verdade.

Plácido, envolvido pela situação, acabou perguntando:

- Irmão Felipe, agora que o irmão está mais envolvido nas tarefas do convento, será que o irmão não teria acesso a alguém que pudesse nos fornecer essas informações?

- Vou ver o que posso fazer. – Felipe falou sorrindo.

A conversa terminou e Plácido estava muito feliz e confiante. E Felipe, apesar de tudo que disse, após a conversa não se mostrava tão interessado nos livros e foi continuar suas tarefas. No entanto, o chefe trevoso estava bem satisfeito, pois Plácido iria empenhar uma grande quantidade de energia vital na investigação, ainda maior. E Felipe estava sob controle, ele sabia que no momento exato, o poderia manipular de forma segura.

- Anarquias não serão permitidas. – o Papa dizia a um cardeal – Temos que ter disciplina e rigidez no que fazemos e, atenção ao que fazemos para

controlar a situação. Enquanto esses profetas de última hora tentam destronar a Santa Igreja, continuemos os enviando para os tribunais e para a fogueira.

O Papa falava sobre os filósofos, intelectuais, religiosos e espiritualistas, cientistas e sensitivos de todas as manifestações que acabavam sendo considerados por hereges e sofriam um julgamento pelos tribunais da Santa Inquisição e muitos acabavam sendo queimados nas fogueiras. O teor da conversa era sobre como estava crescendo o número de artistas que dedicavam obras sobre religião e colocando a Igreja muitas vezes em segundo plano, tendo o espírito imortal como a primeira preocupação que o homem deve ter, pois que se trata da importância maior. O cardeal respondeu:

- Vossa Santidade sabe das aventuras de uma determinada bruxa, que anda dizendo sobre almas que vivem entre nós?

- Sim. E sei também, meu caro cardeal, que esta não dura muito tempo entre nós, pois que já tomamos as providências para que tenha seu destino correto: o inferno. Mas casos isolados não me preocupam. A verdadeira preocupação está no movimento como um todo, crescem em número e em importância relatos sobre fatos que não desejamos que escapem, pois que ferem a Igreja Católica e que podem afetar nossa primazia, nosso

controle e ameaçar nosso império. Já tivemos problemas demais no passado e transformando-se a Igreja conseguiu ser mais forte. Mas agora não iremos sucumbir às situações, iremos exterminar as situações. Luccianno já deve estar chegando ao convento e começaremos a retomar o controle disso tudo. Anarquias não serão permitidas.

O Papa era enfático em suas declarações para alguns bispos e cardeais sobre o controle que a Igreja deveria ter e tinha sobre o mundo e que tal controle não poderia ser ameaçado por nada. E caso fosse, teria de ser exterminado. Por algum motivo, os papiros escondidos no convento representavam ameaça a esse controle da Igreja sobre o mundo e a intenção do Papa era destruí-los, mas certamente que não sujaria suas mãos, não seria executor, tampouco Luccianno, pois que temia ser pego e ir para a fogueira. O alto clero da Igreja Católica procurava, pois, o mesmo executor que o exército das trevas. Falavam da mesma situação devido à similaridade de interesses. E a omissão de conhecimentos era o maior de todos, o grande motivador por trás de tudo.

Luccianno estava chegando ao convento. Plácido passou aquela noite após a conversa com Felipe em claro lendo livros e sem sentir sono, estava eufórico vislumbrando boas possibilidades. Tibúrcio, um pouco isolado por Felipe, apenas acompanhava o que Plácido fazia de longe. E eu tinha um pouco de consciência dos ataques ao

convento, principalmente a Plácido, pois tinha sonhos reveladores, porém sabia que precisava me preservar, pois que, caso contrário, seria também atacado. Mas não deixava de alertar Plácido. Em uma de nossas conversas caminhando pelo pátio disse a ele:

- Meu irmão querido, como andas tua saúde? Isso me preocupa.

Mas Plácido reagiu com surpresa?

- Minha saúde? Por que lhe preocuparia? Estou muito bem, obrigado, irmão!

- Mas a mim não parece, não percebeu como emagreceu e está com olheiras que não tinha antes? O irmão tem dormido e se alimentado corretamente?

Plácido ficou um pouco desconfortável:

- Bem, não notei emagrecimento, mas comi menos ultimamente e por vezes não durmo, mas porque estou estudando.

- E suas orações, o irmão tem feito? Não sente, como direi, uma presença próxima ao irmão tentando evitar que faça suas orações?

Plácido ficou ainda mais surpreso:

- Bom, eu... Faço, faço sim as orações e...

O interrompi, pois percebi que estava sem palavras e como isso não era normal, continuei:

- Irmão, você mesmo já me confidenciou que sentia alguma presença lhe perseguindo. Tome cuidado com isso, esquece essa investigação...

Foi a vez de Plácido me interromper:

- Parar? Não, jamais! Vou até o fim!

- Mesmo que seja a morte o seu fim?

- Morte? E por que se daria?

- Não seja inocente, Plácido. Você sabe que por trás desses livros tem alguma coisa grande e ninguém quer mexer. Está claro que você está entrando em território perigoso. E ainda mais claro está que anjos do inferno lhe perseguem por isso!

Plácido se assustou ainda mais:

- Anjos do inferno me perseguem? Como pode saber?

- Irmão, não seja inocente. O irmão sabe disso.

- Talvez... Ultimamente tem sido difícil... Tenho visto vultos negros passando por mim...

- Então, irmão, essa investigação...

- Mas você não entende? Quando eu terminar a investigação, tudo isso acaba!

- E se não terminar, irmão? E se não terminar? Tenho sonhado muito com o irmão, Deus está falando comigo para lhe alertar e sei que após esta conversa serei perseguido também, mas por confiar em Deus e em seus anjos não temo a satanás. Porém, cerco-me de cuidados. E apesar de não temer, respeito as forças do mal, pois sei do que são capazes.

Plácido ficou mudo e nossa conversa acabou aí. Abraçamo-nos fraternalmente e ele seguiu para suas tarefas na administração e eu para as minhas na biblioteca. Eu sabia que ele não iria parar e temia por isso.

Após uma semana Luccianno chegou ao convento. Não foi com comitiva, chegou apenas ele e o condutor da carruagem. Tal fato era de se estranhar, pois representantes do alto clero nunca viajavam sozinhos ainda mais em visitas a locais religiosos. Porém, a explicação estaria por vir. Em síntese, Luccianno não queria testemunhar para o que diria a Felipe.

O bispo foi recebido com alegria por Felipe, que ansiava em conversar sobre “a reforma”, como ele mesmo denominava as mudanças que desejava

colocar em prática. Muito feliz, falava a Luccianno no pátio enquanto o bispo ainda estava na carruagem:

- Irmão Luccianno, que satisfação revê-lo!

Luccianno, por sua vez, não demonstrou tanta alegria e sua seriedade mostrou a Felipe qual seria o teor do assunto:

- Que a paz do Senhor Jesus Cristo esteja convosco. – Disse mecanicamente as palavras com a expressão fechada.

Felipe entendeu a mensagem e mudou sua postura. Conteve-se, o cumprimentou de volta e caminhou com Luccianno em silêncio até uma sala reservado, a pedido do bispo.

Ao chegarem, Luccianno não perdeu tempo:

- Felipe, trago notícias do Papa que não são boas, mas lhe agradarão.

Felipe ficou confuso:

- Como? Se não são boas, como podem me agradar?

- Não são boas, porque afetam nossa Igreja, pois atacam nosso Senhor Jesus Cristo e seus ensinamentos.

- Mas o que seria isso?

- Felipe, não temos muito tempo, preciso retornar ainda hoje, não descansarei enquanto não resolvermos a situação que esses bruxos e bruxas tentam a todo custo colocar no seio da Igreja. Portanto, sejamos práticos.

Felipe seguia sem entender:

- Irmão, compreendo sua pressa por ter de retornar ainda hoje. Mas peço que me explique detalhadamente e com calma, para que possa entender como ajudar e...

Foi interrompido:

- Mas você vai ajudar de forma tranquila e rápida. Basta ter boa vontade. E permita-me lembrar das palavras de Jesus ao irmão: “Bem aventurados sejam os homens de boa vontade”.

- Sim, irmão, eu conheço esta passagem. Mas sobre...

Luccianno o interrompia para que não tomasse o controle da conversa:

- É bem simples: A Igreja tem um problema que o inferno e seus anjos e seus bruxos e suas bruxas e toda corja de hereges sobre a face da terra tenta colocar dentro de nosso meio. Mas não irão

conseguir! – O bispo bradava levantando o dedo indicador.

- Mas eu não estou entendendo o que é e o que eu...

- É muito simples, irmão, basta se colocar a serviço do Senhor, como já faz. O irmão está a serviço do Senhor, ou não está?

- Sim... Sem dúvida, como sempre estive e...

- Então, irmão, não se esqueça disto jamais. Pois estar a serviço do Senhor é uma das tarefas mais sublimes e a mais importante que um homem pode ter em sua única existência nesta terra de privações.

- Certo, não esquecerei e...

- Irmão, devo lhe advertir que as notícias não são nada boas, porém, tenho absoluta convicção de que o irmão, por ser um servo justo e bom, saberá compreender a situação e fará o que Deus ordenou, pois Ele falou como o Papa e solicitou que você, irmão Felipe, fosse o defensor da Igreja neste caso de heresia e podridão!

- Deus falou com o Papa e disse o meu nome? O meu nome para o Papa? – Felipe dizia com tom de questionamento.

Mas Luccianno não perdia seu tom dramático:

- Sim. E foi enfático. Precisa ser feito já.

- O quê precisa ser feito?

- O trabalho de Deus na Terra. E por você, irmão Felipe.

- Por mim? Mas se é tão importante, por que o próprio Papa não faz?

- Deus é misterioso em seus desígnios. Mas entendo um tom de questionamento nas ordens Divinas. Estou certo, irmão? O irmão está questionando a vontade de Deus?

- Não! De forma alguma! Não se trata disso, eu apenas...

- Então, muito bem! Eu tinha certeza de que o irmão entenderia! O que precisa ficar claro é que Deus falou com o Papa e temos um problema para resolver, e que você, irmão Felipe, vai resolver para a Igreja e vai gostar, pois será bem recompensado. Por tal motivo disse que as notícias agradariam ao irmão.

- E como serei recompensado?

- O que desejas?

- Como serei recompensado, bispo, até agora não tive oportunidade de falar. Prefiro que o irmão

me diga que tipo de recompensa e que tipo de problema é esse que tenho para resolver, porque...

- Acalme-se, irmão. Por favor, não há motivos para exaltarmos. Pergunto o que desejas porque o que temos pode não o agradar, então...

Felipe não pensou para responder:

- Quero as mudanças que solicitei em prática.

Luccianno já esperava por essa resposta e tinha a sua igualmente pronta:

- Sem dúvida. Podemos fazer.

A resposta rápida e segura alegrou Felipe:

- Isso é muito bom, irmão! E quando podemos iniciar?

- Assim que terminarmos todo o trabalho.

- Não pode ser antes, porque precisamos de...

- Nada está à frente das ordens de Deus. Ou o irmão pretende dizer que sua vontade está à frente da vontade de Deus?

- Não! Jamais! É porque...

- Não temos tempo, irmão! Precisamos ir ao ponto. Vamos em frente ou o Papa dirá a Deus que o irmão Felipe não quis colaborar?

Felipe respirou fundo e respondeu:

- Em frente. Mas qual o problema a ser resolvido?

Luccianno sorriu e prosseguiu:

- O irmão conhece todo o convento, estou certo?

- Sim.

- Sabe da existência de livros que estão guardados e os frades não os podem ler, certo?

- Achei que isso era boato.

- Não é boato. Eufrásio tinha a chave da sala. Era o único a ter aqui no convento. Mas o Papa tem outra. Está comigo agora e eu a darei para você.

- Quer que eu proteja os livros? Seja o novo guardião?

- Não, irmão Felipe, você não irá proteger os livros, você irá destruir os livros.

- Destruir? – Falou em tom alto.

Foi interrompido por Luccianno:

- Fale baixo, por favor, não queremos que ninguém saiba disso.

Felipe continuou:

- Destruir? Mas qual o motivo?

- Como disse, heresia. São obras inspiradas pelo demônio e não devem ser lidas por ninguém jamais. É simples.

- Mas como sabem que são obras do demônio?

- Quem melhor do que Deus? Esta resposta o satisfaz, irmão? Ou está questionando novamente?

- Deus disse para destruir os livros, pois foram inspirados pelo demônio?

- Exatamente. E disse para o irmão fazer, até porque estão sob sua jurisdição.

- E por que Eufrásio não fez?

- Deus não queria que Eufrásio o fizesse. Deus sabia de suas heresias antes de nós descobrirmos. Não era, portanto, a pessoa indicada. Você não, irmão Felipe, você é o eleito de Deus.

Felipe guardou silêncio. Não quis externar suas dúvidas.

- Mas precisa ser em absoluto sigilo – continuava, o bispo. – Ninguém deve saber, nem ver. Deverá ser feito para que todos pensem que tais livros nunca existiram. Que seja realmente um boato. E assim feito, o irmão terá suas mudanças em prática.

Felipe continuou em silêncio. O bispo continuou:

- Preciso ir. Alguma dúvida?

Felipe tinha muitas, mas não disse nada. Pegou a chave que Luccianno lhe entregava e respondeu:

- Nenhuma dúvida, irmão. Contem comigo.

- Perfeito, irmão. Precisamos iniciar imediatamente. Mas apenas deve lhe esclarecer um detalhe – Luccianno chegou perto, baixou o tom da voz e foi imperioso – caso alguma palavra desta conversa saia desta sala ou se você for pego no ato, a Igreja negará participação e você será levado à Inquisição, compreendeu, Felipe?

Felipe, assustado, fez sinal de positivo com a cabeça. Luccianno sorriu e saiu da sala, pegou a carruagem e foi embora. Felipe entendeu que tinha problemas muito maiores nas mãos, começava a

entender a situação de Eufrásio, o porquê tinha sido acusado de heresia, talvez por não colaborar com qualquer desejo da Igreja. Felipe estava tenso, mas entendia que precisava fazer e tinha absoluta certeza de que não era para que as mudanças fossem feitas, porque suspeitava que elas não fossem acontecer, sendo apenas um pretexto do alto clero. No final, Felipe sabia que tinha sido acuado e pressionado a fazer algo em que o alto clero não queria pôr as mãos. E sabia que não tinha escolha. Ou fazia ou iria para fogueira. Felipe estava certo.

Capítulo 5

Mais um dia amanhecia no convento, mas naquela noite Felipe não dormiu. Não conseguia relaxar, pois seus pensamentos estavam na conversa que tivera com bispo Luccianno, em especial na parte em que foi ameaçado de ir ao tribunal de Inquisição caso não colaborasse. Como aquele amanhecer, tudo estava claro, não restavam dúvidas. Felipe sabia que as melhorias não estavam no planejamento do Papa e que teria de fazer o que foi pedido para não ser condenado como herege e morrer na fogueira, talvez pelo mesmo motivo que Eufrásio, ele pensava. Mas algo Felipe ainda não sabia. Luccianno deu a ordem e lhe entregou a chave, mas não lhe disse onde ficavam tais livros. Como os acharia? Não sabia.

Neste exato momento, Tibúrcio bate à porta de seu quarto:

- Irmão Felipe, irmão Felipe!

Felipe levanta-se rapidamente, pois o tom era de urgência na voz de Tibúrcio:

- Sim, irmão Tibúrcio, o que deseja?

- Venha rápido irmão, há um frade que passa muito mal e precisamos o socorrer!

Felipe, imediatamente sai com Tibúrcio que o leva até o quarto de um frade recém-chegado ao convento, que está febril e com delírios. Com ele há outros dois irmãos frades, Marcos e Plácido. Assim que chega, Felipe tenta se inteirar da situação:

- Irmão Plácido, o que está havendo?

- Nosso irmão novato Paulo está ardendo em febre e tendo alucinações. Estamos colocando água em suas extremidades para baixar a temperatura de seu corpo, mas ainda não está adiantando. Nós chegamos até aqui, pois nossos quartos são próximos e ouvimos o barulho do irmão gritando seu nome, irmão Felipe.

- Meu nome? – Ficou surpreso.

- Sim. Apenas dizia. Felipe, Felipe. Então eu saí e encontrei Tibúrcio e Marcos saiu logo depois. Ficamos com ele, que se acalmou um pouco enquanto irmão Tibúrcio o foi procurar.

Assim que Plácido terminou de falar o irmão Paulo voltou a falar:

- Penitência! Penitência! Morte para aqueles desertores da fé! Infiéis! Felipe! Felipe! Ouça-me, pois sou a voz do único bem que irá ouvir até o fim desta sua vida! Pare e se entregue a Deus enquanto há tempo! Enquanto há tempo!

Felipe, absolutamente assustado, não sabia o que dizer. Inteligente como era, identificou de pronto qual era o assunto em questão, os livros, evidentemente. Mas apesar de saber, a forma como estava sendo feita a comunicação o assustava. O silêncio e o espanto tomou conta dos quatro frades por breves momentos, até que Paulo, suando muito e ardendo em febre, continuou:

- O que você quer, você vai conseguir. Mas você pagará com várias vidas, a sua e a de outros! Deseja isso como cruz? Ouça-me, pois esta é a última voz do bem que irá ouvir!

Ao terminar de falar, o irmão Paulo abriu seus olhos, e como se estivesse saindo de uma situação de falta de ar, estava ofegante e tossindo um pouco. Foi amparado pelos irmãos Plácido e Marcos, que ao colocarem suas mãos sobre ele perceberam que não estava mais tão quente.

- Calma, irmão. Parece-me, que por milagre, o irmão já está um pouco melhor. – Plácido o confortava.

Enquanto Plácido e Marcos prestavam assistência a Paulo, Tibúrcio ficou olhando fixamente para Felipe, que não conseguia dizer nada, estava estático e assustado. Tibúrcio tomou a palavra dirigindo-se aos dois amigos:

- Bem, meus irmãos, enquanto vocês cuidam deste enfermo, vou acompanhar Felipe até seus aposentos. Vamos, Felipe.

Felipe consentiu como se saísse de um transe:

- Sim, sim.

No caminho, Tibúrcio disse a Felipe:

- Não se impressione com as falas de um doente. São apenas desvarios de uma mente débil e sem controle. Um corpo febril daquele jeito pode provocar as mais diversas besteiras e blasfêmias. Não dê ouvidos ao que foi dito. Ele apenas falou seu nome porque você é o representante do convento diante de Deus, e isso o impressionou.

Felipe apenas ouviu a balança a cabeça como se concordando. Mas não estava em seu estado normal, estava muito perturbado. Então Tibúrcio, que ainda não tinha explicado o que estava fazendo por ali tão cedo, tocou em um assunto que interessaria Felipe:

- Aproveitando, irmão, estou querendo há dias lhe dizer isso, mas não consigo conversar com o irmão. Não sei se o irmão já percebeu que atrás do grande armário de madeira de sua sala há uma porta?

Felipe se assustou ainda mais:

- Porta?

- Então o irmão ainda não viu, não é mesmo? Eufrásio me confidenciou que não deveríamos nunca entrar naquela porta e que na sua ausência, eu dissesse de sua existência a quem ficasse em seu lugar. Está dito.

- Mas o que tem atrás dessa porta?

- Não sei. Somente Eufrásio sabia.

Chegando ao quarto de Felipe, Tibúrcio foi embora o deixando repleto de dúvidas.

Evidentemente que Tibúrcio estava a serviço das trevas e que Eufrásio não tinha dito nada a ele. Tibúrcio havia recebido ordens diretas do chefe das trevas, o mesmo que acompanhava Felipe, para indicar o caminho para os livros escondidos. E o que aconteceu com Paulo foi uma incorporação sonambúlica de um espírito benfeitor que pretendia passar a mensagem para Felipe. Muito ainda estava por acontecer.

Os dias que se passaram depois que Plácido sentiu-se mal também não foram tão satisfatórios para ele. Sentia-se cansado em excesso e não conseguia dormir à noite. Permanecia se alimentando mal e na busca, como uma ideia fixa, pelos livros inacessíveis. Plácido pesquisava

conversando com alguns irmãos e buscava informações em outros livros que eram catalogações antigas que estavam disponíveis no acervo aberto da biblioteca, na esperança de que pudesse encontrar algo, mas nada achava. E isso somente o consumia ainda mais e ele se motivava a continuar a procura. A verdade é que esse comportamento e todo esse cenário apenas provocava uma perda rápida de saúde em Plácido. E isso era preocupante.

Felipe não conseguiu se conter. Assim que terminou o período matinal de orações, imediatamente foi até sua sala. Olhou para o armário, era grande e pesado. Mas Felipe não queria chamar ninguém. Fechou a porta de sua sala e se trancou lá dentro. Com muito esforço, conseguia empurrar sozinho o pesado móvel, aos poucos, conseguiu ver, até para um certo espanto, um pedaço da porta. Espanto porque, mesmo que Tibúrcio tivesse contado, ele ainda relutava em acreditar que fosse verdade. E quando viu que a porta realmente existia e como Tibúrcio disse, somente Eufrásio tinha acesso, começou a imaginar que tivesse ligação com os livros. Empurrou com mais força e vontade.

Depois de algum tempo, suado, Felipe conseguiu liberar o acesso à porta, a empurrou de leve com apenas uma das mãos e ela abriu. Não estava trancada. Felipe achou estranho. Foi até seus pertences mais íntimos de trabalho, que estavam

guardados no mesmo armário e pegou a chave que o bispo lhe dera. Pegou o candeeiro e entrou pela porta. Havia um corredor de pedra e escuro, não muito grande, que dava acesso a uma escada em formato caracol, que parecia descer uns dois níveis, depois de terminada, essa escada chegava a um hall onde havia dois corredores. Sem qualquer indicação, Felipe escolheu um e entrou por ele. Esse era um pouco mais extenso e à medida que ia caminhando, ouvia algumas vozes fracas bem ao fundo. Continuou andando e as vozes aumentavam. Quando chegou ao fim do corredor, havia também uma escada caracol, subiu. Ela era quase do mesmo tamanho que a primeira. As vozes aumentavam. Chegou a uma porta. As vozes saíam por trás dela, mas também ainda não estavam tão fortes a ponto de Felipe achar que as pessoas estivessem logo atrás dela. Pegou a chave. Encaixou. Girou-a. A porta abriu. Felipe a empurrou com calma para não fazer barulho. Estava em uma espécie de almoxarifado da biblioteca, esse ambiente conduzia aos salões dos acervos e estes ao salão dos copistas. As vozes vinham do acervo. Eram frades conversando. Felipe percebeu que não era ali que os livros estavam. Não poderia ser. Ou quem sabe? - Felipe pensava. Fechou a porta novamente. E voltou para ir ao outro corredor. Voltou e começou a caminhar por ele. Era longo e mais estreito que o outro. Felipe chegou até uma porta. A empurrou, mas estava trancada. Desta vez, Felipe não ouviu voz alguma. Tentou abrir com a mesma chave, pois era a única que tinha. A porta abriu. Felipe

empurrou com cuidado, não para não fazer barulho, mas porque havia um receio com ele do que poderia encontrar lá. Ao abrir, a confirmação, dezenas de livros e papiros se empilhando uns sobre os outros, sem qualquer cuidado e conservação em uma estante de madeira. Felipe colocou o candeeiro em um pequeno espaço na estante. Pegou um dos livros. Bem empoeirado, sem título na capa. Felipe abriu e logo na primeira folha, o título escrito em latim: Espíritos que voltam ao corpo, a vida de novo. Felipe tomou um susto tão grande, que largou o livro, como quem recusa uma ideia e tenta descartar. Obviamente o título do livro referia-se à reencarnação, o que a Igreja Católica já não mais aderiria. Felipe teve uma tontura, mas foi rápida. Estava relutante em aceitar aquela informação. Começou a imaginar que estava diante do acervo do diabo, como ele mesmo nomeou em pensamento. Pegou um papiro desta vez. O desenrolou com cuidado. Nesse não havia título, mas leu o trecho inicial escrito na língua que Jesus falava: *“E ele andou sobre as águas. A esse respeito, nenhum de nós teve hesitação. E depois disso, já em terra firme, chamou aqueles que caminhavam mais próximo a ele e se deteve em conversar, depois se voltou para nós, que estávamos na multidão e disse: Eis que todos vós sois capazes de andar sobre as águas porquanto se tiveres fé, podereis realizar prodígios. Porém vossa fé é fraca. Em verdade, vos digo, que não apenas a mim, mas a todos os homens, Meu Pai deu o direito de realizar coisas que ainda são tidas como*

prodígios. Todos somos capazes. Todos somos iguais. E ele, se agachou, pegou um bocado de areia e a soltou no ar. E antes que caíssem ao solo, com um gesto seu, a areia parou no ar. Com outro gesto seu, a areia caiu ao solo. E ele disse: Com a fé, podeis todos realizar prodígios e dominar a terra e a água. Não só a mim deu o Pai esses talentos. Vois sois deuses como eu sou”.

Felipe sentiu raiva do que leu, estava nervoso porque não queria acreditar. Teve a certeza de que era produto do diabo. Quis destruir o papiro. Mas conteve sua raiva. Mesmo fora de seu estado comum de tranquilidade, conseguiu pensar com clareza. Colocou o papiro de volta ao lugar. Pegou o candeeiro, fechou a porta e voltou a sua sala. Colocou o armário no lugar e se pôs a pensar.

Agora, segundo pensava, sabia o porquê a Igreja queria destruir os livros, os quais ele não queria ler mais nem uma linha. Estava sentindo asco do que havia lido. Ele então concordou com a ordem dada pelo bispo, porque achava mesmo certo que fossem destruídos, tais livros que ele mesmo considerava obra do demônio. Mas não poderia ser por ele, pensava. Se o Papa não fez, o bispo também não, Eufrásio também, Felipe concluiu: Também não farei. Preciso de alguém que o faça por mim. E assim Felipe iniciou os pensamentos sobre como fazer para destruir os papiros.

O que ele não sabia, é que tudo foi acompanhado de perto pelo chefe das trevas, que o intuiu para que lesse os trechos certos, pois que sabia a reação de Felipe. E sabia que esse era o único jeito inteligente de fazê-lo aderir à ideia. Havia conseguido.

Enquanto Felipe fazia sua busca por quem pudesse ajudar na tarefa que lhe fora confiada, por parte das trevas isto já estava pronto. Haviam mapeado todos do convento e que tinha as características ideias era Marcos, que possuía complexo de inferioridade, baixa autoestima e necessidade de agradar a todos. Juntando esses fatores com o poder de persuasão e a inteligência de Felipe, o plano estava quase finalizado. O chefe das trevas, sempre com Felipe, o intuía, falava com ele, sussurrava o nome de Marcos, dizia onde o iria encontrar, tentava criar situações que pudessem ser favoráveis ao encontro e planejavam a forma como a conversa se daria.

Quanto a Plácido, adoeceu. Ficou duas noites inteiras sem dormir e dois dias inteiros sem se alimentar. Estava com ideia fixa nos livros inacessíveis. Não havia mais irmãos descontentes próximos a ele, apenas espíritos bons, mas que nada puderam fazer, pois Plácido havia exercido sua vontade, seu livre arbítrio. Havia decidido por sua vida. Não havia mais nada a ser feito. Os bons espíritos e seus amigos tentavam socorrê-lo com fluidos e remédios terrenos, mas ele estava muito

fraco. Durante quase uma semana, Plácido ficou de cama, com febre alta e com perda de consciência durante vários momentos. Até que nada mais pode ser feito. Cercado de amigos, encarnados e desencarnados, Plácido abriu seus olhos, suspirou fundo e perdeu suas forças totalmente. Desencarnou.

Capítulo 6

Os dias que se passaram após o ocorrido foram de profunda tristeza e comoção no convento. Plácido era jovem, tinha boa saúde. E em pouco tempo, a perdera. Marcos chorava diariamente. Foi, talvez, o mais atingido pelo fato, inclusive mais do que eu. Senti muito, chorei, perdi muitas forças naqueles dias, porém Marcos se desesperou. Não conseguia comer ou rezar. Marcos estava fragilizado em excesso. E foi nesse momento de fragilidade que Felipe foi intuído a agir. Ainda não sabia que o escolhido havia sido Marcos, o chefe das trevas sussurrou apenas que era para chamar o rapaz para uma conversa e tentar consolá-lo. Era o responsável pelo convento, não havia mal nenhum. Depois, durante a conversa, daria, ele, o chefe, os rumos desejados. Felipe o procurou logo cedo e o encontrou andando pelo corredor que leva às escadarias, sorriu e disse:

- Marcos! Irmão Marcos! Por favor, irmão, desejo falar consigo. O irmão pode vir comigo?

Felipe o chamou para sua sala. Marcos, sem muito entusiasmo, aceitou apenas consentindo com a cabeça. Já na sala, Felipe começou:

- Irmão, é nítido que o fato ocorrido o deixou muito abalado, muito triste.

- Plácido... – fez uma pausa, respirou fundo para conseguir falar – era meu irmão, meu amigo fraterno... Não consigo... – chorou – não consigo viver sem ele...

Ao ver Marcos chorar, Felipe tentou o consolar:

- Mas irmão, Deus sabe de todas as coisas, o chamou. O levou para junto Dele. Não sofras mais, meu irmão. Tenho certeza de que ele está bem ao lado do Pai.

Nisso, Felipe tinha razão. As palavras acalmaram Marcos, que agradeceu:

- Obrigado, irmão Felipe, pelas palavras. Acho que ninguém tinha conseguido me alentar tanto.

Isso porque Felipe era bem intuído e estava tocando no ponto certo e dizendo o que Marcos precisava ouvir. Nesse momento, ficou muito fácil para o chefe das trevas colocar um pensamento na mente de Marcos, que o externou prontamente:

- Muito obrigado, irmão, mesmo. O que o irmão precisar, pode me convocar que estarei disposto a ajudar.

Felipe entendeu na hora. Fez todas as conjecturas rapidamente, tudo ficou claro. Não deixaria escapar. Era o momento devido.

- Na verdade, irmão... Há sim.

- Que bom! O que é?

- Sabe, irmão... Por vezes em nossas existências, somos deparados com situações adversas, que vão contra a vontade de Deus. Estou diante uma delas no momento.

- É mesmo? – Marcos mostrava interesse.

- Sim... É algo extremamente ruim para mim, para o convento e para a Igreja Católica, que pode sofrer muito mais do que nós! O irmão deseja isso?

- Não! Sem dúvida que não!

Felipe passou seu braço direito pelos ombros de Marcos e continuou:

- Este serviço é muito importante, se trata de uma tarefa que confiarei apenas a quem é leal a Deus e à Igreja. Você é uma dessas pessoas?

- Sim! Pode confiar, irmão Felipe!

- Não sei, irmão. Não é que duvide do irmão, mas este momento de dor...

Marcos o interrompeu:

- Mas estou bem, pronto para ajudar!

Marcos tinha necessidade de ser útil devido a sua baixa autoestima, e aquele pedido, com todo aquele contexto que Felipe criou, fez Marcos praticamente implorar para fazer o que ainda nem sabia o que era. Felipe continuou:

- O irmão gosta de livros?

- Sim! – Foi preciso, apesar de não ser tão verdade.

- O irmão então sabe o quanto de valor eles tem para nós, certo irmão?

- Certo.

- Mas livros com textos escritos pelo demônio... O que o irmão acha, devem ficar entre nós para enganar os desavisados os fazendo cair nas armadilhas do Satanás ou destruir esses livros com esses textos profanos?

- Destruir, irmão!

- Isso mesmo. Mas essa é uma tarefa da Igreja Católica. Quem pede não sou eu. É a Igreja. Se você aceitar, estará em missão Divina, em missão oficial da Santa Igreja Católica... Porém, de extremo sigilo, é secreta... Ninguém pode saber... Entendeu?

- Sim, mas...

- Não sei... Não sei... É melhor o irmão esquecer o que disse.

Felipe disse isso e se encaminhou para a porta. Marcos o interrompeu desesperado:

- Não, irmão! Eu posso fazer, sou de confiança! Sou sim!

Felipe parou, fez expressão de quem pensa e pondera. Ficou alguns segundos olhando para Marcos, até que disse:

- Tudo bem, então! Vou confiar esta importante, oficial e sigilosa missão da Santa Igreja Católica para você, Marcos. Apenas espero que retribua a confiança, sendo cuidadoso e discreto.

- Serei, irmão. Mas... Qual é a missão tão secreta?

- O irmão conhece a biblioteca? Conhece os salões onde ficam os livros?

- Sim... Fui lá, mas os salões estavam fechados.

- Existe o almoxarifado. Lá há uma porta que não abre. Mas eu tenho a chave, depois de abrir você vai seguir pelo corredor até chegar a um ponto que encontrará mais dois. Siga pelo corredor ao lado, não no da frente, o corredor ao lado. Vai achar outra porta. Lá estão livros e papiros. Quero

que, ou melhor, a Igreja quer que os elimine, os destrua, os pique, queime, destrua completamente. Mas não poderá ser visto, por ninguém. Não poderá contar nada a ninguém. Terá de fazer à noite, quando todos estiverem dormindo. Está entendendo?

- Sim... Estou...

- Hoje à noite, você vai até lá e vai pegar apenas um. Depois vai até à caldeira, vai picar todo o papiro e depois vai jogar os pedaços entre as madeiras para serem queimadas pela manhã. Ninguém vai perceber.

- Mas, irmão... Por que ninguém pode saber?

- São misteriosos os desígnios do Senhor!

Aquela resposta não satisfez Marcos, que resolveu não perguntar mais para não aborrecer Felipe, fazendo com que perdesse a missão. Ficou calado, contrariado, achando tudo muito estranho, muito suspeito, mas iria fazer mesmo assim.

- Irmão, tome a chave. Entendeu tudo?

- Sim! – Respondeu confiante.

- E lembre-se: Se alguém vir o irmão, apenas diga que Deus falou com você e nada mais. Nada,

além disso, diga: Deus falou comigo. Entendeu, irmão?

- Sim... Não é para dizer que o irmão sabe. Não direi seu nome, irmão.

- E sabe o motivo? Porque Deus não quer. A glória será toda sua. A salvação da Igreja!

Marcos não entendia o porquê tinha que ser daquele jeito, mas gostava de ser útil. Iria fazer e se esforçar para não ser pego. Despediram-se e Marcos saiu da sala. Combinaram de voltar a se falar na manhã do dia seguinte, para conversar sobre o ocorrido da noite.

Naquela madrugada, Marcos saiu sorrateiramente e foi até à biblioteca, fez todos os passos que Felipe recomendou. Durante o percurso, Marcos sentia medo de ser pego, sentia culpa por estar fazendo algo que não tinha certeza se deveria ser feito ou não. Pensava que não faria mais. Seria apenas aquele, iria enfrentar Felipe e dizer que não faria mais. Planejava dizer não. E isso seria novidade em sua vida. Mas aquele, Marcos faria. Aquele primeiro e único papiro. Que mal faria? Marcos pensava.

Já no corredor que dá acesso à sala dos livros escondidos, Marcos sentia uma dor que parecia lhe roer por dentro, era como algo muito forte lhe consumindo à medida que se aproximava. Ele não

sabia explicar. Mas tratava-se apenas da dor da consumação de um fato nefasto. A aproximação do momento em que Marcos daria o primeiro passo em direção à ruína moral e psicológica. Essa dor que sentia, era apenas um aviso de que nada de bom poderia ter naquele ato. Porém, Marcos não entendeu assim e seguiu em frente.

Ao abrir a porta, Marcos se espantou com a quantidade de livros e papiros que ali estavam. Muitos. Um olhar inicial diria mais de cem, certamente. Marcos sentiu seu corpo tremer, sentia aquela dor se intensificar. Queria parar e não fazer mais nada. Queria ir embora. Desejou nunca ter conversado com Felipe. Ficou parado olhando os livros e papiros, em silêncio, imóvel. Nem um passo à frente, nem para trás. A dor aumentava. Marcos queria parar, era seu desejo, porém, mais forte foi a vontade de cumprir algo que estava dentro dele há muito tempo, o desejo de ser útil, de se sentir incluído e principalmente, incluído em algo importante. Independente do que seja. Marcos ignorou a dor, deu um passo à frente e pegou o primeiro papiro mais próximo, sequer abriu. Não teve essa curiosidade. Saiu da sala, fechou a porta. A dor passou. Marcos dera o passo rumo a uma de suas piores decisões, a de servir, mesmo sem saber, aos propósitos do mal. Marcos poderia ter parado a qualquer momento, mas não parou. A vontade de realizar favores em troca de importância, falsa importância, importância que nunca lhe foi dada,

falou mais alto. Marcos saiu pela biblioteca e tomou o caminho do pátio em direção à caldeira.

O desencarne de Plácido afetou muito a mim, que evitava falar no assunto com qualquer um, até mesmo Marcos. Eu estava sem comer, sem dormir, sem trabalhar. Apenas ficava recluso, chorando, pedindo a Deus que me levasse junto. Até que em uma determinada noite, resolvi sair e andar sob o luar. E para minha surpresa, o que vi foi no mínimo curioso. Marcos andando rápido pelo pátio com ar de nervosismo e carregando um papiro nas mãos, tão descontrolado que sequer pensou em esconder o rolo embaixo do hábito. Fiquei olhando sem ser notado. Apesar de querer chamá-lo, apenas observei, pois queria ver o que faria. O que faria com aquele papiro. E para minha surpresa maior, depois de segui-lo até a caldeira, vi quando, sem pensar, Marcos desferiu golpes no rolo como se não tivesse sentimentos, como se não se importasse nem um pouco com o Saber. A cada descida que a machadinha dava e cortava um pedaço do rolo, um pedaço de mim também era mutilado. Queria gritar, mas a voz me faltou. Queria impedir, mas meu corpo não reagiu. Chorei em silêncio vendo Marcos agir. Chorei de soluçar. A dor que sentia estava pior que a perda de Plácido, pois via a destruição de algo que amava, por alguém que considerava como irmão de sangue, que igualmente amava. Era duplamente doloroso. Sem forças, assisti chorando toda aquela cena. Por fim, Marcos foi embora e eu fiquei. Não tive coragem de interrogá-lo, de me

levantar, de fazer o que fosse. Fiquei alguns minutos chorando sentado no chão frio. Até que me levantei e fui até à caldeira, e ainda chorando, recolhi todos os pedaços do rolo de papiro que Marcos tinha cortado, os enrolei em meu hábito e levei para meus aposentos. Sabia que não daria para reconstruir, mas queria guardá-los como relíquia. Porém, uma frase consegui ler. Estava escrito em um trecho: *A verdade de João Batista*. O restante não foi possível, estava tudo muito misturado e confuso além de muito bem picado. Marcos tinha habilidades de corte, pois fez com o papiro como fazia na cozinha. Levei tudo comigo. Fui embora. Não sabia o que fazer. Guardei todos os pedaços em uma pequena caixa e a escondi sob meus pertences. Nunca mais a abri novamente. Nunca mais quer ver o papiro cortado.

Não demorou e o dia amanheceu. Uma bela manhã, diria, não fosse o buraco n`alma. Marcos procurou Felipe bem cedo, sequer dormiu, parecia muito feliz e confiante. Participou das orações, como sempre e após, foi conversar com Felipe, que fechando a porta de sua sala, disse:

- Espero que ninguém tenha te visto.

- Não! – Disse Marcos cheio de confiança e segurança. – Ninguém me viu! Fui perfeito. Sou o homem ideal para executar essa tarefa!

- Muito bem! Gosto de ouvir palavras confiantes, meu jovem! Muito bem! Minhas congratulações!

As palavras de Felipe era o que Marcos precisava ouvir para ter certeza de que continuaria. Os elogios faziam bem a Marcos, que os recebia com vaidade, enorme dentro dele. Enquanto sorria tão radiante que parecia uma criança, Felipe continuou:

- Então, ainda hoje continuaremos nosso trabalho!

- Sim! Não vejo o momento de concluir!

- Vamos com calma. Não se afobe. Não vá rápido nem devagar, seja coerente. É preciso muita cautela. Disso, não podemos descuidar.

- Claro, sim, sim, irmão.

- Hoje à noite, pegue mais dois ou três e destrua sem deixar rastros. E como fez hoje? Pegou apenas um? Destruiu como lhe disse?

- Fiz exatamente como o irmão disse. Fique sossegado.

- Ótimo! Então... Fica tudo acertado como antes... Sigilo absoluto e discrição nos atos, entendeu?

- Sim, irmão.

Despediram-se e Marcos foi ao seu trabalho. Eu queria ir procurá-lo, queria saber que papiro era aquele, o que estava acontecendo. Eu não sabia de nada. Apenas soube na espiritualidade o que ocorreu com todos os detalhes. Mas ali, naquele momento, no convento, eu não sabia. Eu apenas sabia que nenhum livro com aquela frase tinha passado por minhas mãos e pelas mãos de qualquer outro copista. E pelo que sabia, não havia nada escrito até aquele momento com aquelas palavras em lugar algum. Eu queria falar com Marcos. Mas tive receio. Tive medo. Não de Marcos, mas do que poderia ouvir. Fiquei em silêncio. Não contei nada para ninguém. Dias se passavam e Marcos não me procurava. A impressão que tinha, o observando de longe, é que estava altivo, falando mais alto e com um ar de superioridade no rosto. Marcos não era mais a mesma pessoa. Algo de muito ruim tinha acontecido a ele. E eu não sabia como ajudar.

Por outro lado, as forças das trevas se vangloriavam com a vitória, parcial, claro, além de temporária, mas os espíritos trevosos invadiam o convento tomando conta de todos os espaços e dançavam em comemoração. Poucos frades não eram ligados a eles, como eu, mas desses, eles não se ocupavam. Éramos minoria e não os preocupávamos. O tempo foi passando. O cenário não mudava. Eu, a cada dia estava mais angustiado. Marcos não visitava a biblioteca mais durante o

dia, apenas à noite. Não mais falava comigo. Eu não sabia, naquele momento, que Marcos continuava destruindo papiros e livros. E, muito menos, de que livros de tratavam.

Um dia, sem aviso, chega ao convento uma carruagem trazendo o bispo Luccianno. Felipe, assim como Eufrásio fazia, se apressou em recebê-lo prontamente ainda no pátio. Abriu seus braços e exclamou:

- Bispo Luccianno, que boa surpresa!

Mas a resposta foi nada amistosa:

- Precisamos conversar, já.

Os dois se encaminharam para a sala de Felipe, que trancou as portas rapidamente. Luccianno iniciou:

- O Papa está preocupado. Como anda nosso pedido?

- Muito bem, já foram... Bem, digamos, desaparecidos mais de trinta escritos...

- Isso é pouco.

- Pouco? Mas...

- Há uma corrente no clero que pretende realizar uma investigação completa nos acervos da Igreja Católica. São poderosos, existem mecenas que apoiam, existem pessoas de fora, intelectuais, que pretendem investigar também. O Papa corre perigo, a Igreja corre perigo. Isso, essas traças, precisam ser destruídas logo. Se descobrem esses livros – chegou mais perto de Felipe e falou mais baixo – se descobrem esses livros escondidos, não há defesa. E são muitos, não há condições de mandar todos para fogueira. Precisa ser rápido. Como você está fazendo?

- Picando e queimando.

- Faz você mesmo?

- Isso.

- Bem. Faz bem, não podemos envolver mais ninguém. Alguém te viu, suspeita de algo?

- Não. Está tudo em ordem.

- Intensifique isso. Você tem mais trinta dias para acabar com tudo. Nada pode sobrar. Entendido?

- Sim. Mas, Luccianno... Preciso lhe perguntar algo.

- Pois não, Felipe.

- São esses livros obras do diabo?

- Sim... Isso é bem óbvio, não acha?

- E o que fazem dentro de um convento?

- Sob nossa tutela não corremos o risco de contaminar nossos fiéis.

- Mas e se caíssem nas mãos de quem não deve? Se descobrissem...

- O que está querendo dizer, Felipe? Eu já lhe disse e vou repetir, caso isso saia daqui, você vai para a fogueira como herege, está entendendo? Estou sendo claro?

- Sim, Luccianno. Não há o que temer. Tudo está em ordem.

- Ótimo. Melhor que seja assim. E que seja rápido. Trinta dias. Nem mais um dia.

Luccianno saiu da sala, entrou na carruagem e foi embora. Felipe havia calculado muito mais tempo para cumprir o trabalho. Precisava pensar para agir.

Naquele mesmo dia, Marcos foi me procurar na biblioteca, mas eu não estava. Porém, na saída, encontrei com ele. Timidamente, como quem tem

culpa, me olhou poucos instantes nos olhos e disse calmamente:

- Como vai, irmão?

Respirei fundo e respondi:

- Bem. O irmão também parece muito bem, apesar de não mais me procurar.

- Estive ocupado...

- E com o que, Marcos? Posso saber?

- Com, com os trabalhos na cozinha...

- Entendo... Mas sempre existiram esses trabalhos... O que mudou? Há algo novo, diferente? Há algo que queira me contar?

Marcos ficou gelado, abaixou a cabeça e respondeu sem ter coragem de olhar para mim:

- Não. Não há nada novo...

Eu quis falar sobre aquela noite, mas não consegui. Não sei o motivo. Mas não consegui.

- Certo, irmão... Venha mais vezes à biblioteca, me procure, depois de... Bem, você sabe, não conversamos mais... Nos afastamos... Plácido não iria gostar disso.

- Plácido não iria gostar de muita coisa. –
Marcos disse em tom de lamúria.

- Está certo? Vamos nos ver mais.

- Sim. Eu prometo lhe procurar.

Marcos disse isso e foi embora. Eu sabia que não era verdade. Eu sabia que não iria mais me procurar. Mas eu precisava falar com ele sobre o que vi. Mas ainda não sabia como.

Capítulo 7

A preocupação de Felipe tinha justificativa, pois pelo ritmo em que estavam não conseguiriam terminar dentro do prazo estipulado por Luccianno. E mesmo que houvesse um esforço maior, Felipe achava que não seria possível, pois o volume de livros e papiros era grande. Ele não sabia ao certo, mas quase duas centenas, ou mais, por sua análise superficial.

Ele chamou Marcos e conversaram. Felipe pediu para que o jovem destruísse cinco livros por dia, porém Marcos disse que havia alguns maiores que por serem pesados apenas poderiam estar em lotes menores com três livros no máximo, dependendo do tamanho. E que não poderia ir e vir, pois acabaria sendo pego. E que os livros maiores estavam sendo por ele, guardados para o fim. Felipe disse para destruir esses grandes primeiros, pois que eram os mais difíceis, mas que fosse realizando o trabalho junto com outros e com os papiros também. Felipe não contou o motivo, disse apenas que precisavam terminar em trinta dias e Marcos não perguntou a causa. Naquela mesma noite, uma quantidade maior de livros foi destruída por Marcos.

Eu estava muito triste, mas intrigado também. Que escrito é aquele que Marcos picou? Por que causou tal ação? Será que tem alguém por trás disso? Por que nunca vi tal papiro e tais palavras?

Eu pensava muito sobre isso. Até que naquela mesma noite, quando não conseguia dormir, eu vi entrar em meu quarto dois espíritos de muita luz, muito iluminados e sorrindo. Obviamente, minha reação foi se encolher de medo, mas não gritei de pavor. Ao contrário, fiquei em silêncio e esperei qual seria a ação. Um deles começou a falar:

- Meu irmão querido, não temas. Somos do bem e viemos ajudar. Meu nome Sashaskan e desejamos a paz no mundo. Por tal motivo, precisamos alertá-lo de que o que você viu seu amigo fazer tem parte com os livros escondidos no convento.

Tendo dito essas palavras, os dois saíram e fiquei sozinho novamente. A princípio, com o medo ainda dominando meu corpo, não conseguia pensar ou reagir de qualquer forma, mas fui me acalmando e retomando a clareza de pensamento. Até que tudo ficou claro. As suspeitas de Plácido, os boatos, o comportamento suspeito de muitos frades quando se tocava nesse assunto e o fato de nunca ter ouvido falar naquele escrito. Concluí que tais livros existiam de fato. Mas qual motivo levaria Marcos a destruí-los e como teve acesso a eles? Por que fez isso mesmo sabendo que Plácido tanto os desejava? Tive sentimentos por Marcos impróprios para traduzir. Nosso amigo morreu procurando pelos livros e ele os destruía. Se sabia ou não à época, pouco importava. Pois, se soube depois, é tão culpado quanto se soubesse antes.

Decidi que vigiaria Marcos na noite seguinte e veria o que estava acontecendo.

Enquanto isso, o bispo Torrentino Magno, o primeiro bispo a ler a carta de Eufrásio ao Papa, com a lista dos livros escondidos e que foi encoberto por Luccianno, prosseguiu suas pesquisas à surdina e tinha descobertas importantes.

Torrentino havia descoberto um documento oficial da Igreja onde o Papa Gregório ordenava que tais livros fossem banidos dos acervos oficiais da Igreja Católica Apostólica Romana. O que mais impressionou Torrentino é que a lista de Eufrásio estava toda contida na lista de Gregório, esta sendo maior, portanto com mais livros. Porém isso provava a existência dos livros, apesar do documento não especificar o que deles seria feito, quais seus destinos.

Em outro documento, mais próximo da época em que estávamos, assinado pelo Papa anterior, Torrentino descobriu a mesma lista, igual à de Eufrásio. E nesse documento o Papa ordenava que tais livros fossem guardados em local inacessível a todos no nosso convento.

Tais documentos comprovavam a existência dos livros e sua ida para o convento. Torrentino concluiu que o Papa quisesse dar fim aos livros, pelo que conhecia de sua personalidade e pela

pressão política e social que sofria. E também pelo fato de Luccianno o ter protegido, pois se assim o fez foi para evitar uma possível execução e sendo deste modo, se justificaria somente para apagar uma memória muito valiosa, como aquela. Não teve dúvidas, os livros estavam sendo destruídos, ainda iriam ser ou já tinham sido. Isso ainda não sabia. Pensou em falar com Luccianno, mas achou arriscado demais. Queria salvar os livros, ou parte deles. Precisava fazer algo, mas sem se expor muito. Não teve dúvidas do que fazer. Foi ao convento.

Naquela madrugada, quando cheguei ao quarto de Marcos, ele já não estava mais, fui até o pátio e me escondi atrás de alguns barris, mas não vi nada. Fui até a porta da biblioteca, abri e entrei devagar, me escondi atrás de uma mesa e ouvi um barulho. Marcos apareceu carregando uma pilha de livros, um deles muito grande. Passou rápido pelo salão e se dirigiu para fora da biblioteca. O segui de longe, novamente foi para a caldeira e pegou a machadinha. Não aguentei, corri em sua direção e quando cheguei perto, ele me viu eu já não mais fazia questão de estar incógnito. Marcos ficou em estático quando me viu. Seu rosto perdeu a cor, ficou boquiaberto. Não sabia o que dizer, mas tomei fôlego e perguntei:

- O que você vai fazer com esses livros e essa machadinha?

Marcos, com a machadinha em punho, não conseguia responder. Tomei coragem:

- Vai fazer o mesmo que fez com aquele papiro, naquela noite? O destruiu e jogou na lenha da caldeira. Eu vi, Marcos. Eu vi o que você fez.

Marcos continuou imóvel e sem palavras, mas saíram lágrimas de seus olhos. Poucas, mas que aumentavam aos poucos. Marcos não tinha forças ou argumentos para responder. Mas senti nele uma profunda dor. Fui até os livros, peguei o primeiro, não era o maior, porém tinha bastantes páginas. Para minha surpresa, para meu completo assombro, li as seguintes palavras: *Daimon, escrito por Platão.*

Não sabia o que dizer, não sabia o que fazer. Fiquei sem rumo, coloquei o livro de volta na pilha e fiquei andando em círculos, descontrolado. Estava revoltado. Eu sabia o valor daquele livro, sabia que era do acervo inacessível, pois nunca o tinha visto ou nunca tinha ouvido falar nele. E um livro grego? Que valor inestimável! E Marcos iria o destruir! Eu enlouqueci:

- Você não sabe, Marcos! – Falava em tom mais alto. – Não tem noção do que está fazendo! Por quê? Plácido morreu por causa disso! E o que vejo? O que vejo? Você destruindo tudo! Sabe o que está fazendo? Com essa machadinha nas mãos? Você continua matando Plácido! Isso mesmo, destruindo

os livros, você está matando Plácido de novo, aos poucos!

Eu comecei a falar muito alto e isso fez Marcos sair do estado imóvel e me pedir para falar mais baixo. Mas eu não conseguia. Estava descontrolado. Marcos, sem saber o que fazer, apenas reagiu a seu instinto. Foi em minha direção com a machadinha e a levantou. Fechei meus olhos em susto e encolhi meu corpo. No segundo seguinte tudo se apagou. Porém Marcos não tinha me assassinado. Ele me bateu na cabeça com o cabo da machadinha. E o fez com ela em pé, para que o golpe fosse mais forte. O impacto foi muito grande. Eu desmaiei. Marcos se desesperou, pois se arrependeu no mesmo momento. Tentou me acordar, mas não conseguiu. Era um misto de preocupação com o amigo e vontade de não ser pego. Marcos me carregou até meu quarto, me colocou deitado e saiu. Guardou os livros no local. Naquele dia não destruiu nenhum livro, mas feriu um amigo.

Marcos voltou ao meu quarto e começou a gritar por socorro. Os outros frades chegaram e Marcos disse a eles que tinha ouvido um barulho e foi até meu quarto e me viu caído. E que provavelmente, tinha perdido o equilíbrio, caído e batido a cabeça no chão. Isso explicava o desmaio e o corte. Todos correram para me acudir. Marcos chorava como criança. Até que, finalmente acordei. Muito tonto,

com dor na cabeça, ainda com o corte, minhas palavras foram:

- O que aconteceu?

Eu havia perdido a memória recente. Evidente que só soube dessas informações na espiritualidade, muito tempo depois, como já dito anteriormente. Esse tipo perda de memória chama-se perda de memória retrógrada, onde devido a uma forte batida, a pessoa se esquece de acontecimentos muito recentes, algumas horas para trás no tempo. Isso fez com que esquecesse o que vi e meu diálogo com Marcos e o que ele fez. Isso fez com que eu acreditasse na história que Marcos contou sobre como abri a cabeça. Passei a acreditar que estava sendo duro demais com ele sobre a questão dos livros. Pensei que ele jamais faria novamente o que o vi fazer com o primeiro papiro. Mais tarde, quando me recuperasse, falaria com ele, mas sabia que havia sido apenas uma vez. E nada mais. Eu comecei a pensar assim.

Marcos não contou a Felipe o que tinha acontecido. Ao contrário, disse que tinha feito o trabalho e destruído os cinco livros pedidos naquela madrugada e que quando voltava ouviu o barulho no meu quarto e correu para me socorrer. Felipe acreditou.

Marcos passou mais uma noite sem destruir outros livros. Depois do ocorrido, ficou muito

confuso e não quis agir na noite seguinte. Mas ao me visitar, me viu melhor e falante, aparentando boa saúde e feliz, isso acabou dando forças a Marcos para prosseguir, isso e o fato de estar sofrendo influência direta do chefe das trevas. Marcos não resistiu. Naquela noite mesmo, voltou à destruição e se manteve assim durante duas semanas.

Naquele ritmo, mais de uma centena de livros e papiros já havia sido destruída por Marcos. Porém, ainda faltam pouco mais de uma centena. Ou seja, apenas a metade do trabalho estava pronto e o prazo se esgotava. Felipe sabia que dentro de dez dias Luccianno estaria no convento e o trabalho não estaria feito. Ele não sabia o que fazer. Porém sabia que ajudar Marcos na execução estava descartado. Não faria isso pessoalmente. Enquanto Felipe pensava em outro modo, chega ao convento uma carruagem sem identificação. O condutor desceu e procurou pelo responsável do local. Foi levado a Felipe. As palavras dele foram:

- Meu senhor o aguarda em sua carruagem para uma conversa.

Apesar da desconfiança, Felipe foi até a carruagem. Não reconheceu quem estava lá dentro porque o homem vestia uma máscara e um manto negro por cima de sua roupa. Não havia possibilidade de qualquer identificação. Felipe ameaçou não entrar, mas o homem disse:

- Entre, meu irmão, por favor. Venho falar sobre os livros escondidos no seu convento.

Felipe se espantou, mas conduzido por sete benfeitores espirituais, que conseguiram afastar temporariamente o chefe das trevas, entrou na carruagem. O condutor iniciou um pequeno passeio pelas proximidades para que pudessem conversar.

- Não se assuste. Eu vim em paz. Você sabe da existência dos livros, não sabe? Eu sei que sabe. Não tinha certeza, mas por você ter entrado aqui, me confirmou as suspeitas.

- O que você quer? – perguntava o assustado Felipe.

- Eu quero saber o que está sendo feito com os livros! Se você já os destruiu ou ainda vai destruir...

- Como... Como sabe... – Felipe se mostrava atordoado.

O homem, que na verdade era o bispo Torrentino Magno, continuou:

- Responda. Não tenha medo. Eu sei que você tem ordens para destruí-los. – Blefou.

- Como sabe?

- Apenas sei. E quero ajudar.

- Quer ajudar a destruí-los?

- Digamos que quero ajudar a se livrar deles...
De forma rápida.

Torrentino disse o que Felipe queria ouvir. Mas o frade ainda queria confirmações:

- Por que quer ajudar? Quais seus interesses?
Por que...

Foi interrompido.

- Tudo bem, irmão. Voltamos para o convento agora e você se entende depois com Bispo Luccianno, mas garanto que se não cumprir com todas as suas exigências, seu destino será a fogueira... Mais rápido do que imagina. – Torrentino blefava com facilidade.

Felipe guardou silêncio por alguns segundos e depois perguntou:

- Quem é você? Como posso ter certeza de que não é ninguém de Luccianno?

- Eu sou um irmão. Vim ajudar. Represento o bem. E você não terá certeza de nada. Terá apenas de confiar em mim.

Nesse momento, Felipe foi banhado de luz pelos benfeitores. Então perguntou:

- O que pretende fazer?

- Me entregue os livros. Os levarei daqui hoje e nunca mais ninguém saberá deles. E você diga a Luccianno o que desejar.

Felipe teve muito medo em confiar em um desconhecido mascarado, que sabia de toda história e apareceu repentinamente. Mas aquela solução resolveria seus problemas. Questionou:

- A verdade jamais aparecerá?

- Eu prometo. A levarei ao túmulo.

Os benfeitores não paravam de banhar Felipe e o orientar tentando fazer com que aceitasse a proposta.

- Eu aceito. Voltemos ao convento, vocês pegam os livros e os levam daqui hoje e termina essa história.

Assim foi feito. Durante a luz do dia mesmo. Torrentino não saiu da carruagem. Seu condutor foi conduzido por Felipe pelo acesso de sua sala até o local dos livros. Ele carregou todos sozinho. Felipe disse aos outros frades que eram cópias velhas de originais guardados na biblioteca que estavam em sua sala e que seriam doados. Na verdade, eram apenas papiros. Centenas deles. Pois Marcos

cumpriu a ordem de se desfazer dos maiores primeiro.

Após o serviço terminado e ninguém ter desconfiado de nada, Felipe se despediu de Torrentino, que partiu com a carruagem do convento em direção ao porto mais próximo, onde um navio de um velho amigo levaria em segredo todos os papiros para um mosteiro também de monges amigos no oriente. Junto, um bilhete que explicava a situação, pedia o favor de que fossem guardados e protegidos da melhor maneira possível. Torrentino desejava proteger o conhecimento e não o destruir. Mas sabia que naquele país não seria possível. Foi então que se lembrou de monges que conheceu quando viajou ao oriente. Sabia que eles protegeriam os papiros com a vida, se necessário. Foi a única alternativa encontrada por ele.

Capítulo 8

Após a partida da carruagem, Felipe voltou até sua sala, fechou a passagem e procurou Marcos. Foi até a cozinha, onde ele estava sozinho.

- Irmão Marcos, posso lhe falar alguns instantes?

- Sim, irmão Felipe. Estou sozinho por breves instantes. Chegue mais perto, por favor.

Felipe foi para junto de Marcos e disse:

- O trabalho está terminado. Tudo que restava foi levado para ser destruído fora daqui.

- Como fora daqui? Por quem? Como...

Felipe interrompeu:

- Não importa, Marcos. Não entende que resolvemos o problema? E para todos os efeitos isso foi feito aqui. E o mais importante... Você não sabe de nada, me entendeu? Não viu nada, não fez nada. Esses livros nunca existiram, entendeu? Nunca existiram.

Marcos consentiu com a cabeça, mas Felipe queria uma declaração verbal:

- Diga, Marcos. Diga que entendeu e vai acatar!

- Eu entendi. Nada aconteceu porque esses livros nunca existiram. Eu entendi.

- Ótimo.

Felipe olhou profundamente nos olhos de Marcos, foi um misto de agradecimento com intimidação. Felipe queria colocar um ponto final naquela história e seguir em frente com a administração do convento. Para Marcos, pouco importava a história contada ou se haveria história para contar, porém a única importância para ele era com ele próprio. Por isso, antes de Felipe sair, perguntou:

- Irmão Felipe, quando existir qualquer trabalho, qualquer um, o irmão pode contar comigo. Sabe da minha lealdade e competência. Será que posso ajudar no que for preciso?

Felipe entendeu a pergunta como uma chantagem, mas não externou o sentimento, apenas respondeu sorrindo:

- Sem dúvida, irmão. Sem dúvida.

Felipe saiu da cozinha. Marcos não estava chantageando, era apenas a vontade de ser útil falando mais alto. A necessidade de se afirmar como indivíduo de valor dentro de uma sociedade.

Semanas se passaram e nenhum comentário no convento sobre a carruagem misteriosa que levou centenas de papiros foi ouvida. Luccianno ainda não havia voltado, mas em uma manhã um pouco depois do prazo se esgotar, chega ao convento uma comitiva trazendo o bispo Luccianno. Era uma comitiva longa. Felipe os foi receber. Como sempre, os frades de acotovelavam para assistir a chegada. Descendo da carruagem, vários bispos, incluindo Torrentino Magno. Vendo Felipe, Luccianno se pronunciou:

- Irmão Felipe, uma comitiva papal visita seu convento para uma inspeção de rotina.

A expressão no rosto de Luccianno era tensa, assim como a de Felipe, que não estava gostando da cena e do tom de voz de Luccianno, mas não demonstrou, apenas respondeu:

- Sim, meus irmãos. Faremos todo o possível para ajuda-los.

Eram cinco bispos, incluindo Torrentino Magno e Luccianno. Todos, com exceção de Luccianno, foram percorrer o convento e começaram a conversar com os frades. Luccianno foi com Felipe até sua sala, quando estavam sozinhos, disse rápido e com voz tensa:

- Está feito? Espero que esteja...

- Está feito. Não há mais nada... Todos sumiram. O que está acontecendo?

- Há uma suspeita em todo continente de que existam textos omitidos pela Igreja e alguns membros querem investigar, outros querem esconder... Se algo for achado aqui, ou se alguma informação comprometedoras for encontrada aqui, você já sabe seu destino, Felipe, ou tem dúvidas?

- Eu sei... Mas você acha que irei sozinho?

Luccianno franziu a testa, chegou mais próximo a Felipe e perguntou:

- Está me ameaçando?

- Não. Apenas estou dizendo que se for ao tribunal contarei tudo que sei.

- Bem... Nesse caso, talvez você não chegue a ser julgado e sofra algum acidente antes...

Felipe olhou bem fundo nos olhos de Luccianno, que não parecia estar blefando, e disse:

- Não sei o motivo de estar tão preocupado, eu não tenho provas de nada contra você. A não ser as testemunhas de suas visitas, mas tenho certeza de que sempre justificou muito bem suas vindas.

- Sim. Mas posso esperar não encontrar nada aqui, certo?

- Sim. Vamos sair.

Saíram da sala. Os bispos conversavam com todos, perguntando sobre atividades com livros, como eram feitas, quem as fazia, quando faziam, aonde faziam, queriam saber tudo sobre livros. Foram até a biblioteca, conversaram com todos os copistas, vistoriaram todos os salões.

Evidente que todos os frades demonstraram muito medo, pois era um clima de terror naquele tempo. Por qualquer motivo, se podia ter a fogueira como destino. Por tal motivo, todos falavam pouco, evitavam olhar nos olhos dos bispos e não diziam nada que considerassem suspeito. Por isso, ninguém falou sobre a saída dos papiros em plena luz do dia. Todos com muito medo e intimidados, resolveram se calar e não se comprometer.

Felipe havia colocado um armário em frente à porta do almoxarifado da biblioteca, a exemplo de sua sala, então ninguém suspeitou de nada.

Um dos bispos foi conversar com Marcos.

- Bom dia, irmão. Que a paz de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco.

- Amém.

- O que sabe sobre livros?

Marcos não se apavorou:

- Nada trabalho na cozinha e não gosto de ler.

Marcos foi frio na resposta. O bispo continuou:

- Não vai à biblioteca?

- Muito pouco, como disse, não me interessa por livros.

- Não viu nenhuma movimentação com livros? Pessoas carregando livros de um lado a outro?

- Não. Não houve nada aqui nesse sentido. Não que eu tivesse visto. Fico muito na cozinha. O irmão pode comprovar pelo meu tamanho...

O bispo sorriu:

- Que a paz do Senhor esteja convosco, irmão.

- Amém.

O bispo saiu e Marcos demonstrou extrema habilidade em mentir sob pressão.

Como eu estava em repouso, não estava na biblioteca, mas um dos copistas acabou dando essa

informação e Torrentino Magno me visitou em meu quarto.

- Bom dia, irmão. Que a paz de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco.

- Amém.

- Como o irmão está se sentindo? Podemos conversar por breves instantes?

- Sim, podemos.

- O irmão como trabalhador da biblioteca, presenciou alguma atividade com livros fora do normal?

Eu não me lembrava da noite do incidente com Marcos, mas lembrava-me da primeira noite, quando o vi destruindo um papiro. Minha garganta fechou, comecei a suar, meu corpo tremeu. Sabia que se dissesse, estaria entregando um amigo querido para a fogueira, mas não poderia mentir, precisava dizer a verdade. Torrentino, vendo minhas expressões, entendeu que tinha algo a dizer, então fez um gesto de silêncio e colocou sua mão em minha testa, estava gelado, de tensão, mas ele disse:

- O irmão está ardendo em febre.

Eu me espantei. De início achei que pudesse estar com tanta febre que nem percebesse, mas depois, resolvi ignorar aquilo e disse a ele:

- Eu vi, sim. Vi um papiro ser destruído. Sei como e quem fez.

Torrentino me olhou fixo e sério. Ficou alguns instantes em silêncio. Estávamos sozinhos. Ele perguntou:

- Quem fez?

- Um frade chamado... – minha voz travou, mas tive forças para prosseguir – chamado Marcos...

- E como fez?

- Picou e jogou na lenha da caldeira para queimar.

Torrentino respirou fundo e me disse:

- Obrigado, irmão. Não diga mais isso a ninguém, ouviu? Tomarei as atitudes necessárias. Fique em paz.

Eu apenas consenti com a cabeça. Ele saiu e comecei a chorar, pois sabia que tinha entregado um amigo. Sabia qual seria o fim de Marcos. Ninguém mais me visitou naquele dia. O que eu não sabia era que Torrentino não tinha a menor

intenção de contar nada a ninguém sobre o que disse a ele. Tanto que não o fez. Guardou a informação e apenas disse aos outros que eu estava muito ferido, com febre e que tinha perdido o juízo, estava louco. Todos os bispos acreditaram e ninguém voltou para falar comigo.

Ao final do dia, nada encontrado e nenhuma revelação. Coragem para dizer a verdade, apenas eu tive, mais ninguém. Porém, foi inútil. Os homens não tinham interesse em punir, mas em esconder a verdade. E essa era a real motivação de toda essa história, esconder a verdade.

A comitiva foi embora sem Luccianno trocar mais uma palavra com Felipe e com a certeza de que não havia nada de errado com o convento. Felipe sabia que as mudanças que desejava fazer não teriam anuência da Igreja, e como suspeitou que não teria mais visitas por ali durante muito tempo, resolveu fazer as mudanças aos poucos, bem lentamente, sem causar má impressão aos próprios companheiros frades. Sempre que podia chamava Marcos para algum trabalho, acabaram ficando amigos. E eu, quando fiquei bom, me surpreendi a ver Marcos no convento, mas logo entendi que estava desacreditado. Todos me tratavam como louco, como doente mental. Tudo o que dizia era considerado como engraçado e inútil. Mas apesar de tudo isso, continuei meu trabalho como copista, pois para todos, a minha capacidade de copiar não tinha sido comprometida. Eu tinha

uma profunda decepção com Marcos. O problema não foi ele ter escapado ileso, foi o que fez. Nunca tivemos a chance de conversar, pois ele sempre escapava de mim, ele nunca mais teve coragem de olhar para mim, nunca mais me procurou. Eu tive vontade, o procurei, mas ele fugia e dizia que não podia conversar naquele momento. Nunca mais nos falamos. Naquela vida.

Sobre as trevas, bem, deixaram o convento e foram atuar em outros lugares. Afinal, a missão não era atormentar a vida dos frades, era destruir os livros, e isso, conseguiram.

A vida no convento voltou ao normal, mas para mim jamais foi a mesma, pois não havia mais Plácido e também não havia mais Marcos.

Porém, esses três amigos voltariam a se encontrar, muito tempo depois.

Leia também
outros títulos do
Instituto
Pirâmide:

Trabalhos Mediúnicos na Casa Espírita

Espírito Dr. Klaus

O espírito Klaus nos brinda, nesta fascinante e esclarecedora obra, com diversos assuntos relativos aos trabalhos desempenhados pelos médiuns dentro das casas espíritas. Com linguagem acessível e abordando com a habitual franqueza todos os temas do livro, Dr. Klaus permite com sua narrativa que não somente os médiuns se beneficiem desta obra, mas também abrange a leitura para simpatizantes e curiosos acerca da doutrina espírita.

Desobsessão, trabalhos em desdobramento, vidência e intuição, convívio entre os médiuns e reforma íntima são os temas tratados pelo sempre incisivo irmão Klaus que, além de nos trazer textos introdutórios sobre os assuntos, ainda responde a uma série de perguntas formuladas acerca dos temas propostos. Klaus responde a mais de 160 perguntas de forma clara, franca e com apurado conhecimento sobre as questões abordadas, tão pertinentes às atuações dos médiuns dentro das casas espíritas. Leitura obrigatória para quem deseja aprender sobre os meandros e detalhes do bom funcionamento de qualquer instituição espírita, sendo trabalhador ou frequentador.

As Visões de João, um Pequeno Profeta

Espírito Esíades

Emocionante e importante relato sobre a vida de um jovem profeta e o que ele enfrentou para que suas visões pudessem chegar à posteridade. O relato inclui seus dramas pessoais e todas as dificuldades vivenciadas à época pelo povo, cerca de 150 anos depois do nascimento de Jesus. Como se já não bastasse a pressão exercida pelo Império Romano sobre qualquer cidadão, João enfrentou desafios adicionais por ser seguidor do Cristo e evangelizador. O jovem cristão, desde cedo, tinha visões do futuro. Em princípio, apenas de pessoas e cenários próximos no espaço e no tempo. Posteriormente, João começa a ter visões mais elaboradas, com pessoas por ele desconhecidas e cada vez mais distantes no tempo. Suas visões incluem a idade das trevas e o holocausto, entre questões de bastidores da Igreja Católica e a bomba atômica. Porém, suas visões não são apenas sobre eventos que nos dias de hoje já aconteceram. Este surpreendente livro nos traz visões acerca de um futuro que ainda não vivenciamos. Os principais fatos deste livro foram escritos em papiros e enviados para a Igreja, onde, por motivos diversos, foram perdidos.

Cinco Temas para Cinco Amigos

Diversos Espíritos

Nesta obra, cinco espíritos convidados abordam individualmente cinco temas diferentes: amor e sensibilidade; liberdade e responsabilidade; reencarnação; transição planetária e comportamento dos médiuns.

Cada capítulo trará uma mensagem inicial e o aprofundamento do tema pelo espírito, que ainda responderá a cinco perguntas pertinentes ao assunto abordado.

Além da irmã Ana, de calmas e doces palavras, a obra conta ainda com a participação de Lucarino, autor de Anarquia no Clero – Uma História sobre Livros Perdidos, dos frades Roberto Luccia e Eluades; além da gentil e emocionante presença da irmã Ermance Dufaux.

Cinco Temas para Cinco Amigos é uma obra imperdível para aqueles que desejam saber mais ou serem iniciados em questões tão importantes e atuais. Sendo indicado não somente para os médiuns, mas para todos que simpatizam e frequentam o Espiritismo.

Judaeh, um Anônimo Seguidor de Jesus

Espírito Lucarino

O espírito Lucarino nos brinda com esta primeira, emocionante e reveladora, obra da coleção intitulada “No Tempo de Jesus”.

Este livro narra detalhes, até então desconhecidos, da passagem de Jesus entre os encarnados, feito por testemunhas oculares que tiveram contato direto com o Mestre e escreveram o que viram, e suas experiências pessoais com o Rabi da Galileia. É uma daquelas narrativas perdidas no tempo, pelos mais variados motivos; porém, felizmente para a humanidade, através do autor espiritual Lucarino, que em uma de suas encarnações personificou um franciscano copista, foi trazida de volta para lançar luz sobre diversos temas, ainda polêmicos, nas palavras do próprio Jesus, como por exemplo, a reencarnação. O livro conta a história de Judaeh, apenas mais um daqueles anônimos seguidores de Jesus. Mas diferente da maioria, Judaeh teve a bondade de nos deixar relatos preciosos sobre a época em que Jesus, nosso zeloso governador do orbe, andou com seus próprios pés sobre a Terra. Prometendo ser esclarecedor, este livro certamente responderá a diversos questionamentos que há tanto permeiam o imaginário popular.



www.institutopiramide.com.br

contato@institutopiramide.com.br

Encontre-nos também no Facebook.